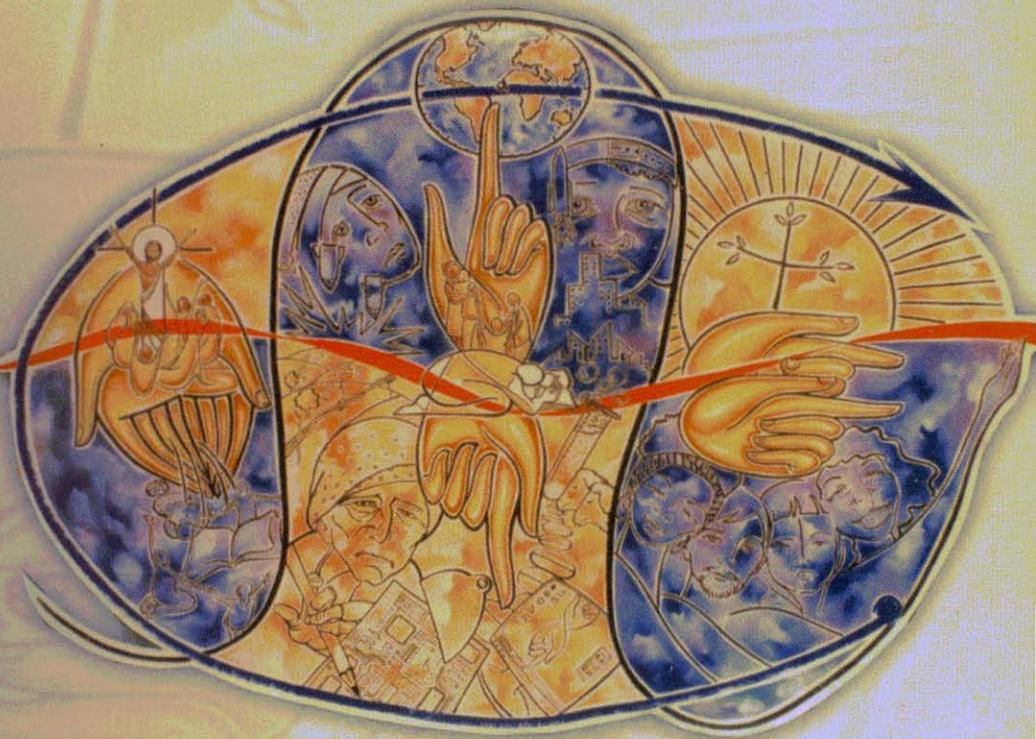


# CONVERGÊNCIA



- “Em tudo amar e servir”: um caminho de espiritualidade para hoje
- Maria segundo os evangelhos apócrifos
- Memória: páscoa e resistência indígena
- Os religiosos e a política
- Estar a caminho
- Boletim de análise de conjuntura, março 2002



# Sumário

EDITORIAL .....	193
PALAVRA DO PAPA .....	197
INFORME CRB .....	201
ARTIGOS .....	203
"Em tudo amar e servir": um caminho de espiritualidade para hoje .....	203
MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER	
Maria segundo os evangelhos apócrifos .....	217
FREI JACIR DE FREITAS FARIA, OFM	
Memória: páscoa e resistência indígena .....	272
ROSA ADELA OSÓRIO S., FMM	
Os religiosos e a política .....	271
JOSÉ COMBLIN	
Estar a caminho .....	241
NICOLA MASI	
Boletim de análise de conjuntura, março 2002 .....	246
VIRGÍLIO UCHÔA	

*A ilustração da capa da Convergência 2002 é uma cópia do painel da XIX Assembléia Geral da CRB (2001), do autor Anderson S. Pereira, MSC. O painel chama atenção para a importância e a atualidade da temática central da Assembléia: Tempo de sinais. Sinais dos tempos.*



## CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB

ISSN 0010-8162

### DIRETORA RESPONSÁVEL:

Ir. Maris Bolzan, SDS

### REDATOR RESPONSÁVEL:

Pc. Marcos de Lima, SDB  
(Reg. 12679/78)

### EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:  
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

### Conselho Editorial:

Ir. Romi Auth, FSP  
Pc. Francisco Taborda, SJ  
Pe. Jaldemir Vitória, SJ  
Pe. Cleto Caliman, SDB

### DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar  
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel. (21) 2240-7299  
Fax (21) 2240-4486  
E-mail: crb@crbnacional.org.br

### PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:

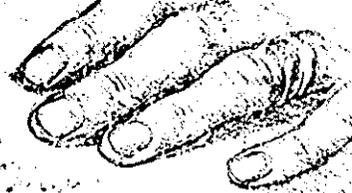
LetraCapital Editora  
Av. Rio Branco 123/1106  
CEP 20040-005 - Rio de Janeiro - RJ  
Tel. (21) 2507-4258  
Fax (21) 2224-7071  
E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

*Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*

Assinatura	Brasil: R\$ 80,00
Anual	Exterior: US\$ 85.00 ou o correspondente em R\$ (Reais)
para 2002	Número avulsos: R\$ 8,00 ou US\$ 8,50

# Editorial



## Maria na comunidade eclesial hoje

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FI

A tradição da piedade católica estabelece um laço estreito de ligação entre o mês de maio e a figura de Maria. Na América Latina e mais concretamente no Brasil, essa “tradição” está arraigada fortemente no imaginário popular: maio é o mês de Maria. Ao longo do mês, nas paróquias e comunidades rurais, e mesmo urbanas, são muitas e variadas as formas de cultuar a Mãe de Deus, de pedir a sua proteção materna, de lembrar as suas virtudes, de agradecer os favores recebidos.

A catequese mariana dos últimos decênios, inspirando-se na mariologia do Concílio Vaticano II e do pós-concílio, tem tratado de apresentar a figura de Maria, num enfoque mais bíblico e mais em consonância com os dados da tradição dos primeiros séculos. Nessa tradição, têm destaque os escritos de vários Padres da Igreja nos quais Maria é exaltada sobremaneira e apresentada à comunidade eclesial com imagens e metáforas de grande beleza e, às vezes, de um lirismo profundo, mas sobretudo, com notória riqueza de conteúdo bíblico. Num de seus sermões (5,7) Santo Agostinho afirma que Maria “fez plenamente a vontade do Pai e, por isso, é mais para Maria ter sido

discípula de Cristo, que Mãe de Cristo”. Com essa afirmação, que para alguns pode parecer uma distorção teológica, Agostinho chama a atenção para uma dimensão fundamental do cristianismo: a dimensão do seguimento, do discipulado, e, ao mesmo tempo, confere à figura de Maria todo o seu realismo histórico: ela é uma mulher da nossa raça, pertencente a um povo determinado, a uma cultura, a uma etnia, a uma época, a discípula fiel do seu Filho Jesus.

Na sua condição de mulher simples do povo, que se abre na fé ao mistério de Deus, Ela se faz o protótipo do discipulado cristão, pela sua total adesão à pessoa e à causa de Jesus. A partir dessa adesão de fé, Maria estará definitivamente associada à missão do Filho e condensará o ideal cristão do seguimento.

Para a Vida Religiosa hoje, Maria é efetivamente uma figura-símbolo, um ícone a ser contemplado e no qual se espelhar. Numa sociedade onde o poder econômico se erige em absoluto, desconhecendo ou negando a dignidade da pessoa humana e sua prioridade sobre qualquer outro tipo de interesses, onde a mídia se faz veículo de uma

visão de pessoa humana em função do lucro e do mercado; onde a banalização da violência anestesia as consciências, e a vida humana perde cada vez mais a sua *sacralidade*, o religioso, a religiosa estão chamados a pautar o seu seguimento no discipulado de Maria. Nela se condensam aqueles valores que o mundo atual precisa reaprender para ser mais humano. Nela a utopia do Reino ganha visibilidade histórica, se faz carne humana na carne frágil de uma mulher do povo. Nela, se espelham todos aqueles e aquelas que não se conformam com o a irreversibilidade de um sistema excludente e perverso, e acreditam que *outro mundo é possível*.

Nessa perspectiva, as palavras de Paulo VI na encíclica “*Marialis Cultus*” têm enorme atualidade. É preciso voltar a contemplar a beleza do retrato da Virgem de Nazaré plasmado nessas palavras inspiradas do Papa Paulo VI. Delas, emerge aquela “mulher forte, que conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (cf. Mt 2, 13-23)”. Uma mulher profética que “não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos, e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo (cf. Lc 7, 51-53)”. “Uma mulher abandonada, sim, à vontade do Senhor, mas longe de toda passividade submissa e de toda religiosidade alienadora, um modelo acabado do discípulo, da discípula de Jesus” (cf. M.C. nº 37). Nessa mulher forte e profética, a fé se manifesta como atitude espiritual profundamente encarnada na história. Tem o caráter de compromisso com o Deus da história e da Vida. Isso significou para Ela aceitar que

Deus fosse o único *Senhor* da sua história pessoal e da história do seu povo. Colocar-se nessa atitude, é aceitar que o inesperado, a surpresa, o risco passem a fazer parte do próprio itinerário pessoal, é pôr-se decididamente a caminho, sem querer ter nas mãos o mapa do futuro.

Convergência de maio oferece às comunidades textos que pretendem ser uma ajuda no seu processo de seguimento de Jesus à luz do discipulado daquela que é considerada, na piedade do povo cristão, a primeira e singular discípula do único Mestre-Jesus.

“Em tudo amar e servir: um caminho de espiritualidade para hoje”, de Maria Clara Luchetti Bingemer, é um artigo inspirado e inspirador; um texto para ser rezado e aprofundado sob a graça transformadora do Espírito. A autora parte de uma análise cuidadosa da expressão inaciana – “em tudo amar e servir” – situando-a no seu contexto e ressaltando o significado profundo que tem no conjunto da obra dos Exercícios Espirituais. Num segundo momento, expõe em grandes pinceladas, aquilo que se considera o cerne mesmo da espiritualidade inaciana, ou seja a síntese entre contemplação e ação. Como deixar-se imbuir desse espírito e viver hoje buscando “em tudo amar e servir” é o conteúdo da parte final do artigo. Para a autora, “nota-se hoje entre os jovens de classe média, assim como entre pessoas do meio intelectual e artístico, uma inquietação religiosa que demonstra estar bem viva a sede pela comunhão com o Amor sem limites”. E dá um testemunho eloqüente: “Cremos que o entrelaçamento de mística e política, de espiritualidade e

ação transformadora, de amor e serviço é possível, sim. Cremos, – mais ainda – que ambas podem ter lugar simultaneamente, desde que encontrem seu correto ponto de interseção”.

Jacir de Freitas Faria, OFM, no seu texto – “Maria segundo os evangelhos apócrifos” – apresenta uma série de considerações sobre Maria baseadas na tradição católica de apócrifos. O texto é interessante e sugestivo. Ajuda a entender melhor a devoção popular a Maria. Entre os dados que os apócrifos apresentam, o autor destaca o da liderança apostólica de Maria: “Maria permanecerá sempre como modelo de mãe intercessora, mas não estaria na hora de acrescentar a esse dado da fé a liderança apostólica de Maria que os apócrifos nos legaram?”

Rosa Adela Osório, no seu texto – “Memória: Páscoa e resistência indígena” – aborda com sensibilidade feminina e grande empatia com a causa de nossos irmãos e irmãs indígenas o tema de fundo da Campanha da Fraternidade de 2002. O texto visa ajudar as comunidades a manter acesa, ao longo do ano, a chama de compromisso com a causa indígena, compromisso que é ao mesmo tempo solidariedade na luta desses povos por seus direitos fundamentais, e experiência profunda da grande verdade cristã de que Deus se deixa conhecer e amar no “outro”, no pequeno, no excluído, naquele que é posto à margem pela sociedade do lucro e da eficiência. A autora afirma que a cultura ocidental tem muito a aprender das diferentes culturas indígenas: “basta aproximar-se delas numa atitude reverente e abrir-se para uma aprendizagem, em diálogo intercultural”.

O artigo de José Comblin, – “Os religiosos e a política” – aborda com pertinência e lucidez a complexa questão do exercício da cidadania e da participação política, por parte dos clérigos religiosos e religiosas. O sentido do cânon 287, no seu segundo parágrafo, é o ponto de partida do texto. Para o autor, “o contexto em que se situa a questão da participação política do clero e dos religiosos é a imensa e profunda aliança entre o clero e a situação estabelecida na realidade de cada dia, mesmo se os textos dizem o contrário. Existe uma participação latente do clero e dos religiosos na política de consolidação do sistema”. O artigo é, ao mesmo tempo, esclarecedor e questionador. Tem particular pertinência neste ano de 2002, em que o país está vivendo o processo de eleições, com todas as ambigüidades embutidas nas campanhas e no próprio processo. Neste sentido o autor lembra que “os religiosos e os padres não são especialistas em economia ou em política. No entanto têm uma formação mais desenvolvida... Podem e devem colocar a serviço dos que confiam neles, os conhecimentos que têm. Podem errar, mas sem a sua intervenção, é quase garantido que as massas vão errar”.

“Estar a caminho” – de Nicola Masi –, é um texto breve, mas carregado de inspiração e de profundo sentido bíblico-espiritual. Os seis paradigmas bíblicos do “estar a caminho”, que o autor apresenta, respondem efetivamente a algo que pertence ao núcleo mais profundo da vocação cristã: o estar sempre pronto a partir, a recomeçar, a ir ao encontro do desconhecido, do novo,

do futuro, da utopia sempre maior do Reino. Inspirando-se nesses paradigmas, o religioso, a religiosa são convocados pelo Espírito a manter essa radicalidade do seguimento: “No meio de uma sociedade que cultua o eu e o consumismo, descompromissada e egoísta, o religioso é chamado a ser o profeta, aquele que aponta a utopia e acredita perdidamente no Reino e nos seus valores”.

O texto *Análise de Conjuntura*, – produzido por um grupo de especialistas, sob os auspícios da Comissão Brasileira de Justiça e Paz –, tem uma

enorme atualidade. Entre os vários fatores que marcaram o cenário mundial, e particularmente o brasileiro, nos últimos meses, e que confluíram na conformação da atual conjuntura histórica, o texto dá um realce especial ao Fórum Social Mundial II e às lições que ficam desse singular evento. Sobre o alcance e a importância desse evento o texto lembra: “o que importa é garantir que esse novo paradigma de ação política transformadora, criada pelo Fórum Social Mundial, não seja engolido para dentro de *odres velhos*.”



# Palavra do Papa

*Mensagem do Santo Padre para a celebração do  
36º Dia Mundial das Comunicações Sociais  
12 de maio de 2002*

## **TEMA: "Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho"**

Queridos Irmãos e Irmãs

1. A Igreja de todos os tempos dá continuidade à obra que teve início no dia do Pentecostes, quando os Apóstolos, no poder do Espírito Santo, partiram pelas ruas de Jerusalém para pregar o Evangelho de Jesus Cristo em muitas línguas (cf. At 2,5-11). Ao longo dos séculos seguintes, esta missão evangelizadora espalhou-se pelos quatro cantos da terra, na medida em que o Cristianismo se enraizava em muitos lugares e aprendia a falar as diversas línguas do mundo, sempre em obediência ao mandato de Cristo, de anunciar o Evangelho a todas as nações (cf. Mt 28,19-20).

Contudo, a história da evangelização não é apenas uma questão de expansão geográfica, dado que a Igreja teve de ultrapassar também muitos confins culturais, cada um dos quais exigiu renovadas energia e imaginação na proclamação do único Evangelho de Jesus Cristo. A época das grandes descobertas, a Renascença e a invenção

da imprensa, a Revolução Industrial e o nascimento do novo mundo: também estes foram momentos de vanguarda, que exigiram novas formas de evangelização. Atualmente, com a revolução das comunicações e da informática em pleno desenvolvimento, sem dúvida a Igreja encontra-se diante de outra porta de entrada. Por conseguinte, neste Dia Mundial das Comunicações de 2002, é oportuno refletirmos sobre o tema: «Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho».

2. Sem dúvida, a Internet constitui um novo «foro», entendido no antigo sentido romano do lugar público em que se decidia sobre a política e o comércio, onde se cumpriam os deveres, se desenrolava uma boa parte da vida social da cidade e se expunham os melhores e os piores aspectos da natureza humana. Tratava-se de um espaço urbano apinhado e movimentado, que refletia a cultura circunvizinha e criava uma cultura que lhe era própria. Isto não é menos verdadeiro no que se

refere ao espaço cibernético que é, por assim dizer, uma nova fronteira que se abre no início deste novo milênio. Assim como as novas fronteiras dos outros tempos, também esta está cheia da ligação entre perigos e promessas, e não é desprovida do sentido de aventura que caracterizou os outros grandes períodos de mudança. Para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura do uso do seu potencial para proclamar a mensagem evangélica. Este desafio está no centro do que significa, no início do milênio, seguir o mandato do Senhor, de «fazer-se ao largo»: *Duc in altum!* (Lc 5, 4).

3. A Igreja aproxima-se deste novo meio com realismo e confiança. Como os outros instrumentos de comunicação, ele é um meio e não um fim em si mesmo. A Internet pode oferecer magníficas oportunidades de evangelização, se for usada com competência e uma clara consciência das suas forças e debilidades. Sobretudo, oferecendo informações e suscitando o interesse, ela torna possível um encontro inicial com a mensagem cristã, de maneira especial entre os jovens que, cada vez mais, consideram o espaço cibernético como uma janela para o mundo. Portanto, é importante que a comunidade cristã descubra formas muito especiais de ajudar aqueles que, pela primeira vez, entram em contacto com a Internet, a passar do mundo virtual do espaço cibernético para o mundo real da comunidade cristã.

Numa etapa seguinte, a Internet pode oferecer também o tipo de continuidade requerida pela evangelização. Especialmente numa cultura desprovi-

da de fundamentos, a vida cristã exige a instrução e a catequese permanentes e este é, talvez, o campo em que a Internet pode oferecer uma ajuda excelente. Na «Net» já existem inúmeras fontes de informação, documentação e educação sobre a Igreja, a sua história e a sua tradição, a sua doutrina e o seu compromisso em todos os setores, em todas as partes do mundo. Assim é óbvio que, apesar de a Internet nunca poder substituir aquela profunda experiência de Deus, que só a vida concreta, litúrgica e sacramental da Igreja pode oferecer, ela pode certamente contribuir com um suplemento e um apoio singulares, tanto preparando para o encontro com Cristo na comunidade, como ajudando o novo crente na caminhada de fé, que então tem início.

4. Contudo, há algumas questões necessárias, até mesmo óbvias, que surgem do uso da Internet na causa da evangelização. Com efeito, a essência da Internet é a sua oferta de um fluxo quase infinito de informação que, na sua maioria, passa num instante. Numa sociedade que se alimenta do que é efêmero, corre-se facilmente o risco de acreditar que o que importa são os fatos e não os valores. A Internet oferece vastos conhecimentos, mas não ensina valores; e quando estes são ignorados, a nossa própria humanidade é diminuída e o homem facilmente perde de vista a sua dignidade transcendente. Apesar do seu enorme potencial para o bem, alguns dos modos degradantes e prejudiciais em que a Internet pode ser usada já são óbvios para todos, e as autoridades públicas têm certamente a responsabilidade de garantir que este instrumento maravilhoso sirva o

bem comum e não se torne uma fonte de prejuízo.

Além disso, a Internet volta a definir a relação psicológica da pessoa com o tempo e o espaço. Presta-se atenção àquilo que é tangível, útil e alcançável instantaneamente; podem vir a faltar o estímulo para o pensamento e a reflexão mais profundos. Contudo, os seres humanos têm a necessidade vital do tempo e do silêncio interior, para refletir e examinar a vida e os seus mistérios, e para crescer de modo gradual até atingir um domínio amadurecido de si mesmos e do mundo que os rodeia. A compreensão e a sabedoria são o fruto de uma análise contemplativa do mundo, e não derivam de uma simples acumulação de fatos, por mais interessantes que sejam. São o resultado de uma introspecção que penetra o significado mais profundo das coisas, na relação de umas com as outras e com o conjunto da realidade. Além disso, como foro em que praticamente tudo é aceitável e quase nada é duradouro, a Internet favorece uma forma relativista de pensar e, às vezes, alimenta a fuga da responsabilidade e do compromisso pessoais.

Neste contexto, como havemos de cultivar a sabedoria que deriva não só da informação, mas da introspecção, a sabedoria que compreende a diferença entre o que é correto e o que é errado, e sustenta a escala de valores que provém desta diferença?

5. O fato de que, através da Internet, as pessoas multiplicam os seus contatos de maneiras até agora impensáveis, oferece maravilhosas oportunidades para a propagação do Evangelho. Todavia, é também verdade que as rela-

ções mantidas eletronicamente jamais podem substituir o contato humano direto, necessário para uma evangelização autêntica, porque a evangelização depende sempre do testemunho pessoal daquele que é enviado para evangelizar (cf. Rm 10,14-15). Como é que a Igreja orienta a partir do tipo de contacto que se tornou possível pela Internet, para uma comunicação mais profunda, exigida pela proclamação do Evangelho? Como edificamos sobre os primeiros contatos e permuta de informações, que a Internet tornou possível?

Não há dúvida de que a revolução eletrônica apresenta a promessa de grandes conquistas positivas para o mundo em vias de desenvolvimento; contudo, há também a possibilidade de agravar efetivamente as desigualdades já existentes, na medida em que aumenta o fosso da informação e das comunicações. Como podemos garantir que a revolução da informação e das comunicações, que tem na Internet o seu primeiro motor, atuará em benefício da globalização do desenvolvimento e da solidariedade humana, objetivos que estão estreitamente ligados à missão evangelizadora da Igreja?

Por fim, nestes tempos de dificuldade, permiti-me perguntar: como é que podemos garantir que este maravilhoso instrumento, inicialmente concebido no âmbito das operações militares, pode agora servir à causa da paz? Pode ele favorecer a cultura do diálogo, da participação, da solidariedade e da reconciliação, sem a qual a paz não consegue florescer? A Igreja acredita que sim; e para assegurar que é isto que acontecerá, ela está determinada a en-

trar neste novo foro, armada com o Evangelho de Cristo, o Príncipe da Paz.

6. A Internet faz com que bilhões de imagens apareçam em milhões de écrans de computadores no planeta inteiro. Desta galáxia de imagens e sons, emergirá o rosto de Cristo e ouvir-se-á a sua voz? Porque somente quando vir o seu rosto e ouvir a sua voz, é que o mundo conhecerá a boa nova da nossa redenção. Esta é a finalidade da evangelização. E é isto que fará da Internet um espaço autenticamente humano, porque se não houver lugar para Cristo, não haverá lugar para o homem. Por conseguinte, neste Dia

Mundial das Comunicações, ousou exortar toda a Igreja a ultrapassar com coragem este novo limiar, para se fazer ao largo na «Net», de tal maneira que no presente, assim como foi no passado, o grande compromisso do Evangelho e da cultura possa mostrar ao mundo «a glória de Deus e o rosto de Cristo» (2Cor 4,6). O Senhor abençoe todos aqueles que trabalham em ordem a esta finalidade.

*Vaticano, 24 de Janeiro de 2002,  
festa de São Francisco de Sales.*

*Joannes Paulus n. II*

# Informe CRB

## Clamor dos povos por justiça, solidariedade e paz

*Extraído do Comunicado de um grupo de bispos e  
pastores evangélicos e católicos*

**N**ós, bispos e pastores evangélicos e católicos, do Brasil e da América Latina, reunidos para jornada de estudos, reflexão e oração, decidimos expressar nossa angústia e preocupação diante da situação internacional.

Condenamos todo e qualquer ato terrorista, como os de 11 de setembro último que suscitaram universal repúdio e consternação, por sua insanidade e pelos milhares de vítimas que provocaram. Ouviu-se, por toda parte, um grande clamor por justiça.

Por outro lado, a indevida transformação do clamor por justiça em atos de vingança e retaliação, com bombardeios aéreos contra o Afeganistão, é igual terrorismo praticado, agora, por governos que se apresentam como democráticos, civilizados e cristãos.

Hoje o clamor por justiça vem acompanhado por um crescente grito pela paz, que se exprime em redobrados protestos e marchas contra a guerra, em manifestos e celebrações ecumênicas e inter-religiosas em favor da paz.

**“O fruto da justiça é a paz”** (Is 32,7).

A prolongada indiferença internaci-

onal diante das situações de inumana miséria, que afetam uma parte majoritária e crescente da população mundial, vem deixando um rastro de sofrimento e morte por todo o mundo gerando ressentimentos e revoltas contra os poucos países que impõem nova ordem internacional e dela desfrutam. Por detrás de quase todas as guerras atuais, movimentam-se os interesses das indústrias bélicas e a disputa pelo domínio dos mercados e controle de recursos naturais estratégicos, como o petróleo e o gás.

Sem a superação das tensões provocadas pela exclusão e marginalização de grandes maiorias; sem o engajamento concertado e sincero para diminuir as desigualdades internacionais, para eliminar a fome, o racismo, a discriminação contra as mulheres e minorias étnicas e religiosas, para cancelar ou reduzir a dívida dos países pobres e para limitar a destruição e os danos ambientais, dificilmente serão geradas as condições para paz duradoura.

**“Nunca mais a guerra! Nunca mais a guerra! É a paz que deve guiar o**

**destino de toda a humanidade. Se quereis ser irmãos, deixai cair as armas de vossas mãos!”**, foi o grito de Paulo VI, em 4 de outubro de 1965, perante a Assembléia da ONU, na cidade de Nova Iorque. Pessoas e países que sofreram os horrores e a insanidade de guerra sem limites de qualquer ordem, e que se consumou no holocausto nuclear de Hiroshima e Nagasaki, só podem juntar-se à voz e testemunho de sábios e pastores, como Mahatma Ghandi, Martin Luther King, Oscar Romero, mártires da justiça e da paz, que viveram a não-violência ativa, como atitude espiritual e política.

Diante das modernas armas de destruição massiva e da guerra nuclear, química ou biológica, cabe apenas a condenação ética, sem rodeios pronunciada por João XXIII na *Pacem in Terris*:

“Não é mais possível pensar que nesta nossa era atômica, a guerra seja um meio apto para ressarcir direitos violados” (nº 127).

Aos que hoje pretendem justificar a guerra, recordamos a palavra firme do Concílio:

**“Qualquer ação bélica que visa à destruição indiscriminada de cidades inteiras ou de vastas regiões com seus habitantes, é um crime contra Deus e o próprio homem, a ser condenado com firmeza e sem hesitações”** (GS nº 479).

O único caminho para a paz é o da superação das injustiças e das divergências, no quadro de um diálogo supervisionado por instâncias políticas e jurídicas internacionais legítimas, que

deveriam ser mais respeitadas e fortalecidas, como a ONU e o Tribunal Internacional de Haia.

Uma das primeiras vítimas da guerra é a verdade. As guerras modernas são travadas nos campos de batalha, mas também e, sobretudo, nos meios de comunicação social. A mentira e manipulação da verdade, a demonização do adversário e a intoxicação da população com desejos de vingança e ódio dificultam negociação, o diálogo e a restauração da concórdia e da paz.

Denunciamos e condenamos, com toda veemência, a caricatura que se vem difundindo da fé islâmica e do mundo árabe e que transforma em suspeitos, pessoas, povos e religiões. A eles pedimos perdão pela injusta ofensa que lhes vem do ocidente cristão. Isto apenas agrava os desentendimentos, fomenta preconceitos e aumenta as tensões internacionais.

Um olhar sobre nós mesmos, e sobre a situação que vivemos, convida-nos a uma atitude de escuta, de oração, mas também de decidido empenho na reconstrução da justiça e da paz que começa em nosso cotidiano, por gestos contra as injustiças e desigualdades, preconceitos e discriminações, por atitudes de compaixão para com os pobres e pequenos, de luta por políticas sociais inclusivas e por uma nova ordem internacional.

Jesus coloca entre as bem-aventuranças aquela a que somos chamados a implementar, neste momento, a de construtores de paz: **“Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”** (Mt 5,9).

## “Em tudo amar e servir”: um caminho de espiritualidade para hoje.

MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER

A expressão “em tudo amar e servir” encontra-se no final do livro dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, na contemplação que fecha o arco dos Exercícios como sua culminância e plenitude. Após ter passado pelo pórtico do Princípio e Fundamento, pela conversão da primeira semana, e pela contemplação dos Mistérios da Vida de Cristo, em Nazaré, no ministério público, na paixão, morte e ressurreição, o exercitante é convidado por Santo Inácio a fazer esta Contemplação para alcançar o amor<sup>1</sup>, que deverá não apenas recolher toda a experiência por ele feita no decorrer dos Exercícios, como também prepará-lo para voltar ao mundo, enviado com uma missão.

Neste artigo, examinaremos primeiramente o sentido que Santo Inácio pretende dar a esta expressão,

colocada num momento tão chave de seus Exercícios. Para isso, estudaremos a expressão no seu contexto e em sua localização. Em segundo lugar, veremos como esta expressão engloba de maneira sintética e feliz a grande síntese inaciana entre contemplação e ação, que caracteriza a espiritualidade inaciana. Em terceiro e último lugar, procuraremos fazer uma aplicação desta expressão para hoje, no sentido de perceber como ela pode inspirar e motivar cristãos – sacerdotes, religiosos ou leigos – a integrar sua vida segundo o amor e serviço, que é o grande binômio da vida cristã.

### *Em tudo amar e servir: graça a pedir.*

A expressão “em tudo amar e servir” localiza-se naquilo que, no esquema-padrão dos Exercícios, Santo Inácio

<sup>1</sup> V. o que diz S. ARZUBIALDE, em seu monumental comentário aos Exercícios, (*Ejercicios Espirituales de San Ignacio. Historia y analisis.*, Bilbao-Santander, Mensajero-Sal Terrae, 1991) sobre a expressão “alcançar” à pg 481, n. 1: “O verbo “alcançar” possui quatro significados diversos: em sentido ativo significa: a) conseguir por si, ajudado pela graça” a coisa que busca...; b) “quando careça” ou “não se ache em disposição de”, em sentido passivo, significa não poder fazer o que o outro verbo expressa...; c) algo que me seja concedido pela intercessão de um mediador divino; d) que se me conceda gratuitamente e eu possa estar assim capacitado e disposto: ser recebido em, se me conceda e eu fique assim disposto para cair na conta, reconhecer e em tudo amar e servir <cf. EE. 230, 1>

chama de Segundo Preâmbulo e que contém a “graça a pedir”. Após fazer a oração preparatória, sempre a mesma, “*pedindo graça para que todas as minhas ações, intenções e operações sejam ordenadas puramente ao serviço e louvor de Sua Divina Majestade*”<sup>2</sup>, o exercitante é levado ao Primeiro Preâmbulo, que é a Composição de lugar. Em nosso caso, e na contemplação por nós aqui estudada, esta composição de lugar é a própria pessoa do exercitante, assim descrita por Inácio: “*ver como estou diante de Deus nosso Senhor; de seus anjos, dos santos que intercedem por mim*”.<sup>3</sup>

É somente então que se chega ao Segundo Preâmbulo, que é por assim dizer o nó central de cada exercício: a graça a pedir. É sobre esta graça que o exercitante irá posteriormente examinar-se para perceber se foi atendido, se fez tudo que devia para isso, se conseguiu colocar-se diante do Senhor com toda a sua humana finitude necessitada de graça e que só sabe, só pode e só deseja pedir: “*Pedir o que quero: será aqui pedir conhecimento interno de tanto bem recebido para que eu, inteiramente reconhecendo, possa em tudo amar e servir*<sup>4</sup> a sua divina majestade”.<sup>5</sup>

Vale notar que nesta última contemplação dos Exercícios ocorre algo único e original: os preâmbulos são pre-

cedidos de duas “notas”, pelas quais Inácio pretende dar o “tom” do Exercício, ou seja, colocar aquele que o recebe no reto caminho do que se pretende dar-lhe, ou seja, a vivência do amor cristãmente entendido. É assim, então, que a Contemplação se inicia com essas palavras:

*Nota: Primeiro que tudo convém advertir duas coisas.*

*A primeira é que o amor se deve pôr mais em obras que em palavras.*

*A segunda: o amor consiste na comunicação das duas partes, a saber; em dar e comunicar o amante ao amado. De maneira que se um tem ciência, dar ao que não a tem, se honras, se riquezas, e assim o outro ao outro.*<sup>6</sup>

Esta contemplação está situada no contexto da Quarta Semana dos Exercícios, onde o exercitante acabou de contemplar os mistérios da Ressurreição de Jesus Cristo. Não está, porém, identificada com ela. Santo Inácio não a situa dentro da Quarta Semana, mas fora de tudo. Tampouco equívale a uma conclusão dos Exercícios como um todo. Aos organizadores do texto Autógrafo dos Exercícios, esta contemplação apareceu como uma inter-rogação, pois Inácio não menciona o lugar em que deve ser situada nem as adaptações a que deve ser submetida. Não fala nem de colóquios nem de

<sup>2</sup> <232>

<sup>3</sup> <233>

<sup>4</sup> O grifo é nosso.

<sup>5</sup> <234> As graças a pedir variam segundo cada oração e cada exercício, acompanhando a matéria e o assunto do mesmo. Aqui, ao final do percurso em que foi cumulado de graças e sacudido ora violenta ora suavemente pelo Vento Santo do Espírito, o pedido é o dom da gratidão. O exercitante pede a Deus a graça de reconhecer internamente tudo que recebeu de Sua amorosa mão. Essa será a condição de, reconhecendo ser perpetuamente e completamente agraciado, não poder fazer outra coisa senão “amar e servir” Àquele que tanto o amou.

<sup>6</sup> Cf.<230> e <231>

repetições que devem ser feitos a partir e sobre ela, como em outras contemplações. Não deixa de ser curioso, também, que nenhum dos Diretórios menciona o seu uso nem faz especificações sobre ele.<sup>7</sup>

Na verdade o que daí se pode inferir é que Inácio faz com esta contemplação um olhar geral e omniabarcante sobre a criação e a história, colocando seu eixo central naquilo que é o eixo também central do Evangelho e portanto de toda vida cristã: o Amor. Este amor-ágape, amor de caridade, na verdade é o princípio da contemplação, não apenas desta da qual falamos, mas de toda contemplação, pois é o sentimento íntimo e profundo de amor por Deus, Criador, Senhor, Redentor que desperta no ser humano o desejo de contemplar, ou seja, de olhar com os olhos do coração habitado pelo Amor que é o próprio Deus em Seu Espírito, ao mesmo Deus e a suas obras.

Entendendo-a assim, se entende igualmente seu sentido e sua localização, ao final do percurso dos Exercícios. Sendo exercício de amor, pertence, na classificação da ascética e da mística tradicional, à via unitiva, pressupondo, portanto, as vias purgativa e iluminativa. Ou seja, pressupõe toda a purificação pela qual passou o exercitante nas Semanas anteriores, que prepara o exercitante a toda intimida-

de mística, e que recobra todo o seu significado ao termo do caminho percorrido.<sup>8</sup>

Além disso, essa contemplação tem uma marca visivelmente trinitária. Nela, não se menciona a Jesus Cristo, personagem central e protagonista de três das quatro semanas anteriores, mas se fala e se propõe à oração a aproximação ao ser humano do Deus Trino, através de sucessivas tentativas e envios, da criação, redenção e dons particulares. Segundo Arzubialde, é o complemento indispensável da contemplação tranqüila e repousada dos mistérios da vida do Senhor e a experiência inaciana da “efusão do Espírito”, na qual o crente vivencia agora a nova dimensão de vida plena que o Ressuscitado traz.<sup>9</sup>

Nesta contemplação, à diferença das outras, não se propõe a entrada na cena evangélica, como nos mistérios da vida de Cristo, colocando em movimento os sentidos espirituais (ver, ouvir, considerar), nem tampouco se fala de dialogar ou fazer colóquio com alguma das pessoas (Maria, Jesus, o Pai). A palavra que Inácio usa é refletir. E é isso que o exercitante vai fazer para obter a graça pedida no segundo preâmbulo: “em tudo amar e servir”.<sup>10</sup> Nesta petição, que é uma síntese de toda a espiritualidade inaciana, encontra-se a meta de todo o processo espiritual dos Exercícios e a transição do agir divino na

<sup>7</sup> Cf. o que sobre isso diz 9, pg 485, n. 1. Além de fundamentar sua afirmação, Arzubialde cita muitos outros famosos comentaristas inacianos para apoiá-la. Por exemplo, P. DE LA BOULLAYE, G. CUSSON, D. DESOUCHES, etc.

<sup>8</sup> J.M.DIEZ-ALEGRÍA, *La contemplación para alcanzar amor en la dinámica espiritual de los Ejercicios de San Ignacio*. Manresa 23 (1951), pg 175 (cit apud. S. ARZUBIALDE, op. Cit., pg 485, n. 4).

<sup>9</sup> S. ARZUBIALDE, *ibid.* pg 486.

<sup>10</sup> <234>

vida humana, por Cristo, em sua kenosis (humilhação) e em sua doxa (glória, exaltação). Nisto consistirá a experiência “imediate” da mesma Divindade, no Espírito: o amor de Deus enquanto Deus, na história e em toda a criação.<sup>11</sup> Este amor fará transparentes todas as coisas e tornará possível e inteligível a originalidade da espiritualidade inaciana, que trata de “encontrar a Deus em todas as coisas”.

***Deus em todas as coisas:  
condição de possibilidade de  
“em tudo amar e servir”***

O tipo de experiência, de amor, portanto, que a contemplação irá expor é, fundamental e indissolavelmente, ligado a uma prática de serviço. É um amor voltado para o serviço e vice-versa: um serviço que encontra seu sentido mais profundo e mais íntimo no amor. Já nas notas que antecedem os preâmbulos onde Inácio coloca a embocadura e o tom dos Exercícios, ao nomear os dois parceiros desta relação, vai designá-los não como Deus e o homem, mas como aquilo que os define, que é o amor: amante e amado. Amante e amado que não se contentam em fruir da própria relação e do gozo de si próprios, mas precisam comunicar um ao outro o que têm (experiência) “mais em obras do que em palavras” (práxis).<sup>12</sup>

Essas notas recapitulam a experiência feita ao longo dos Exercícios: experiência da comunicação de bens ao exercitante e da entrega da própria

vida deste a Deus. O Deus que vai ser apresentado nesta Contemplação para alcançar amor é, portanto, nova e definitivamente, um Deus-amor, um Deus-comunhão de amor, que se dá e se comunica de maneira real e operante ao homem enquanto amor; que o “serve” por suas obras salvíficas.<sup>13</sup>

A expressão “em tudo amar e servir” é, portanto, “imitação” do próprio Deus, que fez e faz e não cessa de fazer isso primeiro, possibilitando assim que o ser humano experimente e faça o mesmo. A graça, portanto, que é pedida é tomar conhecimento disto: de que Deus é todo amante e todo serviço a fim de que, reconhecendo isto, eu possa “em tudo amar e servir” a este Deus que tanto me ama e tanto me serve. E, n’Ele e através d’Ele, aos outros que Ele igualmente ama e serve.

Esta reflexão sobre a identidade divina remete ao que é dito em teologia sobre a posição e a identidade do ser humano no conjunto da criação. A comunicação de Deus “como amante” ao ser humano “como amado”; o fato de que o Senhor “deseja dar-se a mim na medida do possível segundo seu desígnio divino” alcança profundidades às quais não chega a comunicação de Deus com qualquer outra criatura. O ser humano não é uma coisa a mais dentro da criação, ainda que com lugar especial, pelo fato de ser dotado de razão. É algo soberanamente distinto, incompreensivelmente único.

<sup>11</sup> S. ARZUBIALDE. *ibid.* pg 486.

<sup>12</sup> cf. <230>

<sup>13</sup> Cf. o que dizemos sobre isto em nosso livro *Em tudo amar e servir. Mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola*, SP, Loyola, 1990, pg 307.

É, na verdade, pessoa e sujeito, produto do que ele próprio não é e ser sob perpétua disposição alheia; paciente mesmo quando agente, infinitamente rico daquilo que não produziu, mas que, graciosamente, recebeu.<sup>14</sup> Porque é pessoa e sujeito, o ser humano recebe de Deus uma comunicação pessoal radicalmente diferente dos outros seres não-pessoais. Recebe do Senhor benefícios impensáveis para as outras criaturas e conta, ainda, com o ardente desejo do Senhor de dar-se a ele... na medida do possível, ou seja, na medida em que sua finitude humana possa suportar.<sup>15</sup>

A única atitude possível por parte do ser humano é, pois, a gratidão sem medida, o pedido intenso de reconhecer inteiramente as graças e os benefícios recebidos e o oferecimento humilde de sua própria pessoa para em tudo amar e servir a esse Deus que não cessa de vir ao seu encontro em todas as coisas, ardendo de desejo de amar e ser amado.

Trata-se de uma experiência, portanto, de ser profundamente, incondicionalmente, infinitamente amado, cumulado de benefícios; e além de tudo, agraciado pela presença do próprio Deus que desemboca numa prática de amor e serviço em tudo, em todas as coisas. Deus, a Trindade Divina, a Santíssima Trindade, é um movimento de amor que pode ser en-

contrado e vivido pelo homem em cada momento e em todas as coisas num exercício constante de oblatividade e serviço praticados. Como Pai que cria e atrai à comunhão consigo “segundo seu desígnio divino”. Como Filho que se encarna, salva e redime e se propõe como caminho para o Pai. Como Espírito que dá não apenas dons particulares, mas a si mesmo, ao próprio Deus.<sup>16</sup>

Deus aparece assim, uma vez mais, como um Deus voltado para os homens. Longe de se fechar em sua vida trinitária, ele a dá em partilha. O homem é o parceiro desta aliança, onde Deus faz dele seu “amado”, esperando dele uma resposta de amor. Deus é o primeiro do qual o amor não é somente palavra, mas ato. Ele ama de um amor atuante.<sup>17</sup> Nesse movimento do amor trinitário, o ser humano é convidado a entrar juntamente com a criação, de maneira que todo o universo é envolvido num só e mesmo movimento: “Deus e o homem movendo-se, através de todas as coisas, um em direção ao outro”.<sup>18</sup>

É de se notar, porém, que a revelação desse Deus que é todo amor e que não cessa de convidar o ser humano a amar como Ele ama se dá no meio da realidade e não fora dela. E Santo Inácio vai demonstrar que é graças ao amor que o ser humano pode perceber dentro da realidade mais concreta e

<sup>14</sup> Cf. as admiráveis páginas que sobre isso escreve K. RAHNER, em seu famoso texto “O ouvinte da Palavra”, in K. RAHNER, *Curso fundamental da fé*, SP, Paulinas, 1989, pp 37-59.

<sup>15</sup> <234>

<sup>16</sup> Cf. M.C.BINGEMER, op. Cit., pp 310-311.

<sup>17</sup> Cf. sobre isso M. VERHEECKE, *L'itinéraire du chrétien d'après les Exercices Spirituels d'Ignace de Loyola et ses présupposés anthropologiques*, Louvain la Neuve, Diffusion Centre Cerfaux-Lefort, 1984, pp 276-285.

<sup>18</sup> Cf. M. BUCKLEY, The contemplation to attain love, *The Way supplement* 20 (1975) pp 92-104.

espessa as infinitas possibilidades que se desdobram diante de seu ser como amoroso convite.

As coisas, as pessoas, os acontecimentos são opacos para quem não ama. Estéreis e assustadores, não são tornados transparentes pela luz do amor, que possibilita perceber neles a divina presença que os habita. Só o Espírito, habitando na criação inteira, pode fazê-la diáfana e transparente. Por outro lado, só o mesmo Espírito, que é o amor que procede do Pai pelo Filho, habitando no ser humano, pode capacitá-lo pela graça a reconhecer a presença de Deus em cada criatura, vislumbrando nela e através dela o rosto do Filho e a vontade do Pai.

Só o amor provoca a evidência da realidade última das coisas. O amor sentido da origem fontal e sem origem, do amoroso desejo do Criador, à clarividência da presença ativa e operante de Deus. A partir daí, as criaturas, os fatos, os acontecimentos e a história humana em geral se iluminam e vão paciente e deslumbrantemente desvelando seu mistério mais profundo. E isto é verdade de qualquer acontecimento, de qualquer gênero que seja: positivo, negativo. Porque o amor que procede do alto e que o ser humano é chamado a reconhecer porque o carrega dentro de si, a tudo ilumina e desvela o mistério último de toda realidade. A realidade, vista então com os olhos do amor, transforma tudo (o bom e o aparentemente mau; a felicidade e a aparente desgraça) mostrando que nada é inexorável

nem irrecuperável, uma vez que o Amor abriu suas comportas, derramou-se sobre toda carne e sobre toda a história, se fez próximo e transformou tudo, mesmo o que parecia mais irremediavelmente longínquo, em encontro e diálogo, para em tudo amar e servir.<sup>19</sup>

A palavra servir encontra então aí seu verdadeiro sentido, sentido este que nos Exercícios de Santo Inácio já havia aparecido no primeiro exercício, o do Princípio e Fundamento.<sup>20</sup> Servir é o modo operativo de amar. E assim o é porque emana do próprio Deus que é amor, que por sua vez, amando, suscita espontaneamente o retorno agradecido do ser humano, levando-o a amar aquilo que se chega a reconhecer como vindo de Deus. E por isso, o ser humano tocado pela graça e consciente do amor com que é amado não cessará nunca de maravilhar-se com o fato de que mesmo as adversidades são dons e benefícios de Deus, são manifestações do mesmo amor: a doença, a pobreza, a morte, já que, pelo Mistério Pascal, colocam o ser humano em íntima união com Jesus Cristo e a partir d'Ele, por Ele e n'Ele, redimem e salvam a humanidade. São também benefícios, benefícios de redenção.<sup>21</sup>

Pelo fato, pois, de Deus ser quem é, e amar como ama e comunicar-se como se comunica, é possível ao ser humano atingir a convicção de que nada está deixado à sua própria sorte, de que nada acontece por acaso. Tudo está penetrado por Deus e seu amor,

<sup>19</sup> Cf. a bela reflexão que sobre isso faz S. ARZUBIALDE, in op. cit., pg 498, n. 49.

<sup>20</sup> <23>

<sup>21</sup> Cf. S. ARZUBIALDE, in op. cit., pg 498, n. 49.

que desta maneira se aproxima e alcança suas criaturas. Deus está presente em todas as coisas por Seu Espírito e com Seu amor e ao mesmo tempo está para além de todas elas. Nenhuma pode circunscrevê-Lo mas todas falam d'Ele e incitam ao seu louvor e serviço.

Encontramo-nos aqui no cerne da espiritualidade inaciana, que é uma mística do serviço. É um serviço que se origina e existe na reciprocidade do amor entre amante e amado. A reciprocidade é o índice da qualidade dos sentimentos humanos e a medida do amor. Da parte de Deus, este Dom de amor é de tal maneira imenso e infinito que o Espírito, Terceira Pessoa da Trindade, imprime no ser humano, por meio da inabitação trinitária, a semelhança divina do Filho a cuja imagem um dia foi plasmado e criado. Assim, o ser humano, que é por graça aquilo que o Filho é por natureza, pode amar e servir em tudo, à semelhança de Jesus Cristo e em seu seguimento.

Trata-se de uma entrega sem reservas e sem condições, para “em tudo amar e servir”, ou seja, para fazer o que o próprio Deus faz sem cessar, que é amar continuamente. Esta pura entrega equivalerá então ao ato fundante pelo qual o ser humano encontra em tudo a Deus. Deus sempre maior que o mundo e as coisas, mas presente e amorosamente revelante e amante, no centro da história e do mundo.<sup>22</sup> Só esta descida de Deus até o meio de todas as coisas pode abraçar todas as coisas por dentro e permitir que o ser

humano o encontra aí, e desde aí faça acontecer sua práxis amorosa e redentora. Já que o amor determina a descida de Deus ao encontro e ao serviço de sua criatura, não poderia terminar no simples impulso estático de um Eros metafísico em Deus, mas sim no serviço que se integra na obra de Deus em seu mundo.<sup>23</sup>

A fórmula “em tudo amar e servir” é o resultado, portanto, de “buscar e encontrar a Deus em todas as coisas” e, ao mesmo tempo, o fim fecundo ao qual se orientam todos os Exercícios. A experiência de ser amado incondicionalmente por Deus Pai, Filho e Espírito Santo; a experiência de ser criado amorosamente pelo Pai, redimido amorosamente pelo Filho e santificado amorosamente pelo Espírito resulta numa adesão incondicional a Deus. Essa adesão vai transbordar e explicitar-se no serviço, que permanece assumido pela obra de Deus no mundo; num amor que passa às obras a fim de que o mundo seja redimido pela liberdade transparente a Deus e onde Deus, por sua vez, se faça transparente, se re-vele ao mundo e a mim.

Essa transparência e esse amor podem acontecer no interior de qualquer situação ou acontecimento, por mais negativo que seja, pois, uma vez que Deus desceu, por Seu Filho e Seu Espírito, ao interior de tudo, tudo é graça. Tudo, conseqüentemente, só pode ser ação de graças, serviço humilde e agradecido que resulta da experiência de ser amado constante e continua-

<sup>22</sup> Ibid pg 501.

<sup>23</sup> Cf. K. RAHNER, *Meditaciones sobre los Ejercicios de San Ignacio*, Barcelona, Herder, 1971, pg 260.

mente. Esta é a experiência de que só o amor e a graça bastam e não é necessário nada mais.<sup>24</sup>

***Em tudo amar e servir:  
caminho espiritual para o  
cristão de hoje***

Vivemos um momento histórico em que esta expressão-chave inaciana pode ser extremamente iluminadora, não só para aqueles e aquelas que fizeram desta espiritualidade seu modo de seguir a Jesus Cristo, seu caminho espiritual particular, mas também para todo e qualquer batizado que entenda a vida cristã como experiência de amor e prática de serviço, descobrindo aí o único caminho possível para a santidade.

Nossa época é uma época em que a mística e a espiritualidade passam por uma forte redescoberta. É fato incontestável que, ao arrepio das tendências mais evidentes e das profecias mais patentes, o fenômeno religioso não está em declínio. Pelo contrário, há uma explosão plurireligiosa que acontece na sociedade e na Igreja de hoje que parece colocar em questão todo o chamado processo de secularização. Trata-se de um verdadeiro processo de “sedução” que o sagrado e o divino exercem sobre as pessoas. E este é um fenômeno que não pode ser considerado e analisado apenas com a racionalidade, uma vez que esta não dá senão limitada conta de sua extensão e profundidade.

Essas novas formas de expressão religiosa atraem não só – ou mesmo não principalmente – pessoas do meio popular, normalmente consideradas presa fácil das novas propostas religiosas que surgem no proscênio social. Pelo contrário, nota-se hoje entre os jovens de classe média, assim como entre pessoas do meio intelectual e artístico, uma inquietação religiosa que demonstra estar bem viva a sede pela comunhão com o Amor sem limites.

Atraído para suas fileiras contingentes oriundos de classes letradas, com passagens pela psicanálise, pela radical militância político-partidária e por ideologias materialistas, essas formas de nova consciência religiosa canalizam a insatisfação e as frustrações dolorosamente vividas com experiências religiosas anteriores e também com as propostas de transformação política e social nas quais essas pessoas haviam investido o melhor de suas expectativas, tempo e energias. A queda dos paradigmas revolucionários e dos modelos alternativos ao capitalismo tem provavelmente importante papel neste quadro. Na falta de alternativa global para a sociedade, no vazio de utopias em que se transformou este início de milênio, parte-se para a busca pessoal com uma referência grupal e comunitária, porém de corte mais explicitamente ritualista e religioso.<sup>25</sup>

No fundo desta explosão religiosa complexa e plural, escondem-se

<sup>24</sup> Na história da espiritualidade e da literatura cristãs, encontramos exemplos luminosos que exemplificam essa convicção de que tudo é graça. Cf. por exemplo, o final do livro “Journal d’un curé de campagne” (Diário de um pároco de aldeia) de Georges Bernanos; “Crime e castigo” de Dostoiévski e outros.

<sup>25</sup> Cf. o que sobre isso dizem P.F.C. de ANDRADE, Sinais dos tempos: Igreja e seitas no Brasil, in *Perspectiva Teológica* 23 (1991) pp 236-237; L.E. SOARES, Perguntar e ouvir: as seitas e a invenção metafórica do

várias questões de extrema importância, parece-nos, não só para a Teologia católica, como para toda a vida da Igreja, assim também como para as ciências sociais e humanas que se propõem lidar seriamente com este problema mais que humano da experiência religiosa ou experiência do Sagrado.

Por um lado, nesta eclosão plurireligiosa – vai uma velada crítica às Igrejas históricas tradicionais, – que teriam perdido boa parte de seu caráter iniciático, misterioso, espiritual, permanecendo quase que somente caracterizadas por seu aspecto institucional – articulador da comunidade, ou ético-transformador da realidade. Neste sentido, a força que vem tomando no seio do próprio Cristianismo institucionalizado – além de novas formas e novos recursos para estimular a oração e a experiência espiritual, tais como a música, os cantos, os instrumentos musicais tão empregados por movimentos como a Renovação Carismática Católica e outros – o uso de técnicas oriundas das tradições orientais, terapias de auto-ajuda, ou busca de recursos identificados nitidamente com a Nova Era como ajuda na vivência da espiritualidade cresce e se torna sintoma quase majoritário. Este estado de coisas, se por um lado traz preocupação, por outro pode ser encarada como um sintoma de que

está em curso uma nova maneira ou tentativa de recuperar o Cristianismo iniciático e mistagógico, em outras palavras, recuperar a espiritualidade cristã.<sup>26</sup>

A ressacralização do mesmo mundo do qual a razão moderna apressou-se em proclamar o desencantamento e a secularidade complexifica as perguntas acima levantadas. O reaparecimento, o reemergir, – mais do que a volta – do religioso, do sagrado, a sede pelo mistério e pela mística em distintas formas aparecendo após o “banimento” ensaiado pela secularização denota uma volta (ou uma permanência) da necessidade contemplativa, um aparentemente novo emergir de valores como a gratuidade, o desejo, o sentimento e a re-descoberta, em nova dimensão, da natureza e da relação do homem com o planeta.

A questão que nos fica após estas reflexões, é, no entanto, que não é nada claro que essa busca quase febre de nossos contemporâneos por experiências místicas corresponda a uma real busca por um encontro em profundidade, por um dispor-se a ser afetado pela alteridade do outro. A busca por sensações mais ou menos religiosas ou “espirituais” não necessariamente implica desejo de abrir-se à experiência da alteridade, e pode não

---

espaço humano. in *Cadernos do ISER* 21 (1989) pp. 2-63 e Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. *Cadernos do ISER* 22 (1990) pp. 121-144; M. CAMURÇA. Da alternativa para a sociedade a uma sociedade alternativa. in *Cadernos Atualidade em debate* 1 (1991) pp. 19-36; M.C.BINGEMER. A sedução do sagrado, in *Religião e sociedade* 16 (1992) pp. 82-93. Como boa apresentação da atual diversidade religiosa no Brasil, v. L. LANDIM (org.) Sinais dos tempos. Diversidade religiosa no Brasil. *Cadernos do ISER* 23 (1990).

<sup>26</sup> Cf. o imenso sucesso que fazem os retiros e livros de J. Y. LELOUP, divulgado e promovido inclusive por editoras católicas.

deixar brechas ou espaços para que a alteridade e a diferença do outro, epifanicamente, se manifestem em toda a sua liberdade, reinventando a relação a cada suspiro e a cada passo. A questão que nos fica é, pois, até que ponto estas novas experiências têm reais condições de conduzir as pessoas de hoje à experiência profunda e inefável que propõe Santo Inácio de reconhecer o amor infinito de Deus para em tudo amar e servir a Deus e aos outros.

Parece-nos, portanto, que a espiritualidade cristã hoje se vê a braços com a questão por sua identidade, às vezes perdida e fragmentada no meio de um mar de experiências religiosas outras, que não necessariamente passam pela Alteridade, a qual, em sua absoluta liberdade, revela-se como Santidade, ou seja, Alteridade absolutamente outra. Se muito facilmente chamamos de experiência mística a toda e qualquer busca de sensação “espiritual” conseguida às vezes com recursos artificiais, outros que não a relação que se instaura e se aprofunda unicamente na gratuidade, na escuta e no desejo, estaremos traindo a concepção mesma de mística e de espiritualidade que até hoje tem marcado toda a tradição ocidental e que está no coração da identidade daquilo que por isto se tem entendido e se entende. Se muito facilmente legitimamos qualquer experiência de “sedução do Sagrado” corremos o risco de estar batizando com este nome muitas divindades e talvez não a Verdadeira.

O caminho da relação com o outro – e no caso da mística, do Outro que é Deus – é constitutivo mesmo da ex-

periência mística. E no caso da mística cristã, esse outro, essa alteridade, tem o componente antropológico no centro de sua identidade, uma vez que o Deus experimentado se fez carne e mostrou um rosto humano. Tudo que releva da sedução do sagrado, da busca do transcendente, da experiência mística, portanto, não pode desviar ou abstrair ou mesmo dis-trair daquilo que constitui a humanidade do ser humano. É paradoxalmente na similitude mais profunda com o humano que o Deus da revelação cristã vai desencantar seu poder de sedução e mostrar sua diferença e sua alteridade absolutamente transcendentais.

### *Quando o amor e o serviço andam de mãos dadas*

Muitos, porém, se amedrontam com essa volta da mística ao proscênio teológico, temendo que se trate de um abandono do primado que a práxis transformadora da realidade havia proposto décadas atrás, em termos de compromisso entranhado na história. Muitos temem que se trate, na verdade, do perigo da alienação que volte a rondar o Cristianismo, desencantado pela queda dos paradigmas – inclusive políticos – que observa à sua volta e cansado de derrotas neste mesmo campo.

Creemos que o entrelaçamento de mística e política, de espiritualidade e ação transformadora, de amor e serviço é possível, sim. Creemos – mais ainda – que ambas podem ter lugar simultaneamente, desde que encontrem seu correto ponto de intersecção. A práxis social e política, transformadora e renovadora da realidade, pode inclusive

ser espaço e alimento para uma autêntica experiência mística. E isso pode ser encontrado, cremos, no coração mesmo da espiritualidade inaciana e em sua palavra de ordem: “em tudo amar e servir”. A espiritualidade inaciana é uma espiritualidade apostólica e missionária. Por isso, todas as graças contemplativas que aquele ou aquela que faz os Exercícios recebe deve transbordar numa missão de serviço ao outro segundo a vontade do Pai que ama a todos os seus filhos.

Hoje não menos que ontem o cristão – seja ele clérigo, religioso ou leigo – é chamado a viver sua fé em Deus e o seguimento de Jesus Cristo que ela inclui sempre mais no meio do mundo. Mundo este que não é o mundo idílico, perfeito, completo e reconciliado que parecem descrever muitos dos modernos discursos. Pensamos, em particular, naqueles marcados pelo otimismo dos progressos e conquistas da modernidade, assim como nos que se encontram atravessados de lado a lado pela interpelação legítima mas nem sempre objetiva da questão ecológica. A inserção nas realidades temporais ou terrestres é específica para cada um e todos os batizados, podendo acontecer sob as mais variadas formas ligadas aos carismas pessoais.<sup>27</sup>

No entanto, é em meio a este mundo que o cristão é chamado a viver o

que se chama **experiência de Deus**, a descobrir o fato grande e ao mesmo tempo tão simples de que Deus é um Deus que se revela e, mais do que isso, que se deixa experimentar. E essa experiência não é unilateral (o homem experimenta Deus), mas tem duas vertentes e duas vias (Deus mesmo se deixa experimentar pelo homem que o busca e o experimenta). Para falar em termos inacianos, “o mesmo Senhor deseja dar-se a mim em quanto pode, segundo sua ordenação divina.”<sup>28</sup> Assim, ao mesmo tempo em que propicia que o homem sinta o gosto e o sabor de Sua vida divina, Deus entra por dentro da realidade humana, mortal e contingente, na encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Experimentando-a visceralmente, até o fim, “aprende” de sua criatura o jeito de, pelo amor, “kenoticamente” despojado, viver cada vez mais seu modo próprio de existência que é o de ser o Deus Amor. A revelação de Deus em Jesus Cristo é, pois, o fundamento teológico da relação do homem com o mundo, pois colocando-se inteiramente a serviço da criação, concede dimensão crística a tudo que é criado e ressalta a dimensão cósmica da encarnação.<sup>29</sup> Assim fazendo, ensina ao homem e à mulher que o seguem o modo de “em tudo amar e servir”.

A esta experiência de Deus, fruto do dom pleno e radical do mesmo Deus,

<sup>27</sup> Cf. *ibid* pg 41.

<sup>28</sup> <234>

<sup>29</sup> *Ibid* pg 39.

<sup>30</sup> Há que ver, a esse respeito, a frase do célebre jesuíta brasileiro Pe. Leonel Franca SJ, cujo centenário ora celebramos e que resume bem o que acabamos de dizer: “Com o absoluto não se regateia. Quem não deu tudo ainda não deu nada. Todo sacrifício tem que ser holocausto.” V. tb. o que sobre isso diz B. FORTÉ, op. cit., pg 31 comentando *LG 10*.

só pode suceder, por parte do cristão, a oblação total e radical da vida, único e mais precioso bem, em culto espiritual agradável a Deus. À entrega divina total só pode corresponder uma resposta e uma entrega igualmente totais por parte do ser humano. Quanto a esta exigência, não existe distinção de categorias, segmentos ou níveis de pertença dentro do povo de Deus. Oferecer-se inteira e totalmente, “oferecer seu corpo como hóstia viva, santa, imaculada e agradável a Deus” (cf. Rm 12, 1) é o culto espiritual de todo e qualquer cristão, seja ele quem for e pertença ele a que estamento da organização eclesial.<sup>30</sup>

Já desde o Novo Testamento aparece claro que para o cristão, qualquer que seja a situação em que se encontre, é necessário um certo despreendimento e indiferença em relação às coisas, no sentido de que nada é absoluto ou indispensável. Tudo é meio, e, portanto relativo para atingir o fim que se pretende, que é sempre a maior glória de Deus. Realizar isso na própria vida, no entanto, não se faz sem tensões e conflitos. Embora a Bíblia seja pródiga em valorizações daquilo que é histórico, real, concreto, palpável e humano<sup>31</sup>, o que mais fica patente em sua mensagem é uma tensão sempre presente e sensível entre o absoluto escatológico e o pleno engajamento nas tarefas do mundo.

E a grande pergunta do discípulo, daquele que quer **seguir** Jesus Cristo e viver **segundo seu Espírito** continua a ser, hoje como sempre: “Como estar no mundo sem ser do mundo?” “Como usar das coisas do mundo como se delas não fizesse uso?” Como seguir Jesus tal como ele exige ser seguido, com todas as radicais exigências que coloca aos seus discípulos, e ao mesmo tempo viver humanamente a vida desta terra?<sup>32</sup>

Trata-se, afinal, de usar do mundo ou de transformá-lo? Fugir dele ou construí-lo? Ora, já desde os tempos neotestamentários, o cristão é uma pessoa que vive a cavaleiro entre tempo e eternidade; ou melhor, é alguém que experimenta em sua carne e em sua vida a eternidade que atravessa o tempo histórico e por dentro o trabalha e configura. É ele, portanto, um “vivente escatológico”, ao mesmo tempo cidadão de um futuro absoluto e da cidade celeste e, por isso, estrangeiro neste mundo, dentro do qual sempre se encontra como que exilado e “fora” de lugar. E, no entanto, experimenta assim o belo paradoxo de que esta terra, que não é sua pátria definitiva, lhe é dada por Deus como dom e missão: como domínio a gerir, como obra a acabar, como plenitude a consumir.<sup>33</sup>

Neste sentido, todo cristão batizado, pela consagração mesma do seu Batismo, é um “posto à parte”, um “separa-

<sup>31</sup> Cf. Y. CONGAR, op. cit., col 103-104: “O próprio AT carrega outros valores aos quais se gosta hoje de fazer referência: vocação histórica e mensagem social dos profetas, plano de salvação se realizando na história humana, antropologia não dualista do homem inserido no mundo, existindo com ele, construindo-se com ele.”

<sup>32</sup> Ibid col 104.

<sup>33</sup> Ibid.

do” de dentro do mundo. O NT não poupa expressões fortes e radicais para significar a entrada na vida cristã: selo do Espírito (cf. Hb 1, 13-14); imersão na morte de Jesus (Rm 6, 1ss) etc. Não é de admirar que a Igreja tenha, em sua doutrina, declarado que o batismo é um sacramento que “imprime caráter”, ou seja, marca indelevelmente aquele ou aquela que o recebe de uma marca que permanece para sempre.<sup>34</sup> Assim sendo, o batizado é chamado a oferecer constantemente o sacrifício espiritual da vida consagrada a Deus, não se conformando com este mundo mas **discernindo** dentro dele o que é melhor, o que é perfeito, o que é de Deus (Cf. Rom 12, 1-2).

### *Amor e serviço: espiritualidade para hoje e para todos*

A espiritualidade que cabe, portanto – hoje mais que nunca – a todo cristão, é uma espiritualidade de **discernimento**, ou seja, de busca da vontade de Deus dentro do horizonte de Seu plano de amor. Em meio a essa busca, cada um e cada uma vai se encontrar com as tentações e as ilusões próprias das situações diferentes e variadas em meio às quais se vir colocado. Mas a todos, leigos, religiosos ou clérigos, será pedido vislumbrar e sentir, através de toda a floresta de diferentes “espíritos” que sopram, convidam e solicitam em todas as direções, o Sopro do verdadeiro Espírito divino, Espírito Santo único que santifica e conduz ao se-

guimento de Jesus Cristo e à vontade do Pai, desmascarando o mundo e suas falácias e mostrando a verdadeira face do verdadeiro Deus.

Em decorrência disto, todo cristão está engajado e comprometido na missão da Igreja, forma histórica da vontade de salvação de Deus: como testemunha da fé e da caridade de Cristo e portanto como **enviado em missão** apostólica, fazendo brilhar no meio do mundo Deus e o Evangelho. Todo batizado é enviado, e carrega consigo, seja qual for sua situação ou estatuto canônico, a responsabilidade da Boa Nova do Evangelho de Jesus. A vida de qualquer cristão é levada a testemunhar que, a partir de Jesus Cristo, só é profano o que é profanado pelo pecado e tudo pode ser consagrado porque o Espírito santifica o uso que das coisas se faz.<sup>35</sup>

Enviado no meio do mundo, impulsionado pela força do Espírito, o cristão, a espiritualidade cristã, que é uma espiritualidade do **eu em comunhão, portanto, do nós** opondo-se assim a todos os individualismos e isolamentos. Ser “pneumatóforo” (portador do Espírito) portanto, para o cristão, significa ser ao mesmo tempo “eclesiofânico” (manifestador da Igreja) e, mais ainda, “teo-morfo” (que tem a forma de Deus) e “teóforo” (portador de Deus), irradiando no meio do mundo a semelhança entre seu próprio ser (pessoa-Igreja) e o Deus Trindade.<sup>36</sup>

Sendo a Igreja, no dizer da teologia oriental, “a humanidade em vias de

<sup>34</sup> V. a bela reflexão que a esse respeito faz J. M. R. TILLARD. Le “caractère” baptismal, in *Initiation à la pratique de la théologie* vol III. pg 425.

<sup>35</sup> Cf. Y. CONGAR, op. cit., col 105.

<sup>36</sup> Cf. O. CLÉMENT. op. cit., pg 59, n. 8.

'trinitarização', e o universo em vias de transfiguração<sup>37</sup>, a eclesiologia é inseparável dos mistérios que estão no coração da revelação cristã e, portanto, inseparável da espiritualidade cristã em si mesma. A espiritualidade cristã é para ser vivida nessa comunidade chamada Igreja, onde os diferentes carismas e ministérios, suscitados pelo mesmo Espírito, não se opõem ou contrapõem entre si; mas, ao contrário, se complementam na liberdade, tendendo todos, juntos e cada um com sua

originalidade própria, para aquele que é o fim último do projeto cristão: a **santidade**, que consiste em reconhecer todo o Amor com que Deus ama para, reconhecendo e agradecendo, dispor-se sempre a **em tudo amar e servir** a esse Deus que não cessa de amar e de suscitar amor.

---

*Maria Clara Lucchetti Bingemer*

*Endereço da autora:*

*Rua Almirante Salgado, 51 – Laranjeiras  
22240-170 RIO DE JANEIRO – RJ*

---

<sup>37</sup> Ibid pg 63.

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1 Nas comunidades religiosas de hoje o que mais ajuda fazer a experiência espiritual do amor do Deus Trindade?
- 2 Há, na sua comunidade, a prática de partilhar experiências de fé e de serviço aos irmãos? Como tornar essa prática mais proveitosa para as pessoas e para a própria comunidade?
- 3 Quais são as principais pro-vocações que o lema inaciano – “em tudo amar e servir” – coloca para religiosos e religiosas hoje?

# Maria segundo os evangelhos apócrifos

FREI JACIR DE FREITAS FARIA, OFM

## *Introdução*

Entre nós, os religiosos e religiosas, Maria ocupa um lugar central. Basta ver o número de congregações e irmãs que levam o nome de Maria. Entre o povo católico a história não é diferente. A Bíblia, apesar de citá-la poucas vezes, nos deixou inúmeros testemunhos de fé de e sobre Maria. A tradição Mariana foi além da Bíblia e desenvolveu piedades em torno a Maria, que muitos de nós desconhecemos a sua origem. Buscando outros textos do início do cristianismo que não entraram na Bíblia, cunhados pela tradição católica de apócrifos, vamos descobrir a origem desses outros dados de fé. Muitos são os textos e evangelhos apócrifos que falam sobre Maria, a saber: O nascimento de Maria: Proto-evangelho de Tiago; O nascimento de Maria: Papiro Bodmer; Evangelho do Pseudo-Mateus; História de José, o carpinteiro; Evangelho armênio da infância; Evangelho dos Hebreus; Livro da infância do Salvador; Pistis Sophia; Aparição à Maria: Fragmentos de textos coptas; Lamentação de Maria: Evangelho de Gamaliel; Maria fala aos apóstolos: Evangelho de Bartolomeu; Trânsito de Maria do Pseudo-Militão de Sardes; Livro do descanso; O evangelho secreto da Virgem Maria. A leitura desses escritos apócrifos sobre Maria, a mãe de Jesus, é uma viagem fascinante. Quem começa não quer parar. Muitas curiosidades são sanadas ou deixadas em aberto diante das possí-

veis “fantasias” relatadas. Após uma leitura acurada desses escritos, vos proponho as minhas conclusões.

## *1. A devoção popular à Maria*

Muitas tradições religiosas em relação à Maria, guardadas na memória popular e em dogmas de fé, têm suas origens nos apócrifos, assim como: a palma e o véu de nossa Senhora; as roupas que ela confeccionou para usar no dia de sua morte; sua assunção ao céu; a consagração à Maria e de Maria; os títulos que Maria recebeu na ladinha dedicada a ela; os nomes de seu pai e de sua mãe; a visita que ela e Jesus receberam dos magos; o parto em uma manjedoura, etc. A nossa devoção mariana é mais apócrifa que canônica.

## *2. A virgindade de Maria*

A virgindade de Maria é defendida pela quase totalidade dos apócrifos. Segundo essa tradição, ela era virgem antes, durante e depois do parto. Uma opinião apócrifa, para demonstrar sua total idéia da concepção virginal de Maria, chega a dizer que Maria concebeu pela orelha. No entanto, havia também vozes discordantes, como a da comunidade do Evangelho de Filipe que defendia o relacionamento marital entre José e Maria, sendo que também o seu parto teria sido normal. Ao falar da virgindade de Maria, a comunidade dos apócrifos tem intenção mais apologetica que histórica. A pureza de

Maria é demonstrada pela sua vida consagrada no templo de Jerusalém. Ela está sempre em contato com o sagrado. Quando Jesus nasce, a virgindade de Maria é mantida. A parteira Salomé ousou testar a sua virgindade colocando o seu dedo na “natureza de Maria” e suas mãos pegaram fogo. Assim, o teste corporal feito por Salomé comprovou a virgindade de Maria. Mais tarde, quando a gravidez de Maria é denunciada aos sacerdotes, esses confirmam a sua virgindade com outro teste comum entre os judeus, o da água amarga (Nm 5,11-31). Maria não foi culpada de adultério pelos sacerdotes. José tinha certeza de que não teve nenhum relacionamento sexual com ela, portanto, ela continuava virgem. Quanto aos outros filhos de José (4 homens e 2 mulheres), os apócrifos dizem que eles eram do primeiro casamento. Logo, Maria não teve outros filhos, permaneceu virgem até a morte. Os irmãos de Jesus eram irmãos de criação. Nem é preciso recorrer à interpretação de Jerônimo (séc. IV E.C.) que entendeu o substantivo irmão dos evangelhos canônicos como primos, parentes. Além disso, José já tinha 93 anos, quando se casou com Maria, uma jovem entre 14 e 15 anos. Nos diálogos que Maria tem com os apóstolos, anjos e Jesus, sempre vem ressaltado a sua condição de virgem. As virgens são suas amigas no templo. Um grupo delas é designado para o seu cuidado na casa de José. Após a morte de Maria, são outras virgens, iguais a ela, que preparam o seu corpo e seguem o cortejo. João, aquele que recebeu o encargo de cuidar dela, levou a palma da virgindade de Ma-

ria, porque também se manteve virgem. Por isso se oferece a palma à Maria nas coroações de Nossa Senhora. Esses e tantos outros elementos nos mostram como as comunidades discutiram a questão da virgindade de Maria, bem como reafirmam as informações sobre esse tema conservadas nos evangelhos de canônicos, oficiais. Por outro lado, defender a virgindade era também sinal que o corpo não tinha valor. Esse desprezo pelo corpo e seus prazeres não teve um desfecho feliz na história da humanidade cristã. Os primeiros cristãos receberam influência do pensamento dualista que pregava a separação entre alma e corpo, trevas e luz, vida e morte, Deus e mundo. Assim, tudo o que se dizia pertencer ao mundo era desprezado, pois o mundo era considerado uma armadilha dos poderes do mal. Deus está longe do mundo e não tem muita influência sobre a vida espiritual das pessoas. A cada ser humano restava o desafio de tornar-se um espiritual de verdade, abstando-se da vida sexual ou cair na desgraça total, nos prazeres do corpo. Pensava-se que a alma, tendo sua morada no céu, caiu no corpo. Um dia ela teria que retornar ao céu. Na viagem de volta, encontraria o demônio, na figura de um cão e pronto para tomá-la. A alma, então, tinha de ser sábia para enfrentá-los. A sua única arma seria a pureza virginal que lhe garantiria a natureza divina. Os evangelhos apócrifos do Trânsito e Descanso de Maria revelam que Maria teve medo de encontrar com satanás, quando saísse do seu corpo, por isso, ela pediu a proteção dos apóstolos na custódia do seu corpo.

### 3. *A apostolicidade de Maria*

As atitudes de Maria relatadas pelos apócrifos mostram a sua liderança entre os primeiros cristãos, sobretudo os apóstolos. Ela tinha poder de convocá-los para uma assembléia. Ela era a Senhora dos apóstolos. Nos apócrifos não é Maria Madalena que vai ao túmulo de Jesus, mas Maria, o que parece mais lógico. E nesse encontro, Jesus a encarregou de anunciar aos apóstolos a sua ressurreição. No templo, Maria despertava a admiração dos homens sacerdotes. Quiseram arrumar um casamento para ela com um filho de um sacerdote, mas ela mesma rejeitou a proposta. Maria é chamada nos apócrifos de a “Força”, “Mãe das luzes”. Ela era discípula e apóstola de seu filho. Teve o poder de conversar com o ressuscitado. É bem verdade que Pedro aparece em vários episódios da vida de Maria. Ele é quase sempre chamado de bispo e pai da comunidade. A defesa do primado de Pedro nos apócrifos sobre Maria é compreensível na medida em que o vemos no contexto da disputa de liderança entre os primeiros cristãos. Maria era uma dessas fortes lideranças. Maria Madalena também foi outra personagem feminina de grande poder entre os discípulos. No entanto, ambas Marias foram subestimadas nos evangelhos canônicos. Maria não foi somente a intercessora, como quiseram os canônicos, mas discípula e apóstola de seu filho, Jesus, a quem ela amou com amor de mãe e sofreu sem perder a fé. Como toda mãe, Maria chorou diante de seu filho morto na cruz. Maria é uma mulher judia, piedosa e sempre preocupada com os afazeres

domésticos. As mulheres não tinham o direito de estudar a Torá (Leis/Condução/Caminho), mas a Maria dos apócrifos desafiou esse costume. Como liderança nata, ela estudou a Torá.

### 4. *A integração do Masculino e feminino*

A presença de Maria nos evangelhos apócrifos nos ensina que o masculino e feminino devem ser integrados dentro de cada um de nós. João e Maria viveram muito próximos. O evangelho secreto da Virgem Maria é uma obra literária belíssima que coloca Maria narrando a sua história para João, seu discípulo predileto. Os apóstolos a chamavam de mãe, porque ela era exemplo de mulher integrada.

### 5. *A Maria judia*

Maria seguiu os costumes judaicos. Ela casou-se com José, conforme previa a Lei (Torá), que ela tanto observava e estudava. Seguiu o marido até Belém. Seus pais eram descendentes de Davi, também o seria seu filho, Jesus. O seu nascimento foi impedido pela esterilidade da mãe, mas a bênção de Deus possibilitou o seu nascimento. Somente uma boa judia podia receber essas bênçãos de Deus. Além dos costumes judaicos, a história dos pais de Maria, Joaquim e Ana, se parece com a dos casais do Primeiro Testamento: Elcana e Ana, Abraão e Sara, os quais geraram, respectivamente, a Samuel e Isaac. Assim, a história de Israel pode continuar de modo fecundo e eficaz. O nascimento de Maria é importante para a história de Israel, assim como foi o de Jesus.

## 6. Os símbolos nos evangelhos apócrifos sobre Maria

A história de Maria nos apócrifos é permeada de simbolismos, tais como:

a) Pomba, símbolo da Torá (Pentateuco), saiu da vara de José confirmando que ele devia aceitá-la em sua casa. No templo, Maria viveu como uma pomba, isto é, de forma pura. Jesus, no dia do seu batismo no Jordão, recebeu sobre sua cabeça a visita de uma pomba. Jesus, a nova Torá é confirmada pela Torá-pomba<sup>1</sup>. É também, a pomba o sinal do Espírito Santo de Deus. b) Palma, também sinal da Torá e da pureza, lhe é dada por Jesus, a Torá personificada, no monte das Oliveiras. c) Véu do templo, símbolo da pureza, só podia ser confeccionado por mulheres virgens. Maria, mesmo sendo a esposa de José, continuou virgem, por isso, podia ser convidada pelos sacerdotes a confeccionar o véu do templo. Segundo os evangelhos canônicos, o véu do templo se rasgou. Isso é sinal de que aquele que é puro como o véu foi violado pela injustiça humana. d) Templo: lugar onde vivem os puros. Maria viveu no templo, porque era pura por excelência. E ser educada no templo é ocupar um lugar central na história da salvação. e) A vara de José que floriu mostra a ligação desse com a história de Israel. A vara de Aarão também floresceu e ele foi escolhido por Deus (Nm 17,16-23). f) Trombeta, usada para convocar os anciãos para decidir quem ficaria com Maria, era um instrumento usado para convocar

o povo de Israel, diante de um problema nacional. g) Anjo, sempre presente na vida de Maria, simboliza Deus mesmo que vem ao seu encontro. Os judeus por colocarem Deus tão distante e fora do alcance da vida, criaram a categoria anjo para falar de Deus mesmo. O anjo é Deus, mesmo que tenha um nome próprio. h) Luz que envolveu Maria e Jesus na gruta e o corpo de Maria, no dia de sua morte e assunção, é sinal de Deus que se manifestou no Sinai. i) Fogo que atingiu as mãos de Salomé é sinal da presença divina (Ex 3,1-6). A ação incrível de Salomé, ao tocar a “natureza de Maria”, foi necessária para confirmar teologicamente o fato de Jesus ser a luz para todos os povos. Salomé, ao receber nas próprias mãos a luz de Deus, Jesus, e foi curada. j) Esterilidade: sinal de castigo e da não bênção de Deus. Apesar da virgindade, Maria não era estéril, o que fundamentou a teologia dos primeiros cristãos, isto é, em Maria a promessa de Deus se realizou, porque havia entre eles alguém preparado para essa tarefa. l) A morte de Maria anunciada para daqui a três dias quer mostrar que, assim como Jesus, que depois de três dias ressuscitaria, Maria também seria visitada por Deus na pessoa de seu próprio filho, Jesus. Os textos apócrifos dizem, no entanto, que Maria foi assunta ao céu somente no quarto dia. m) As nuvens, nas quais os apóstolos são transportados até à casa de Maria, representa a presença de Deus, que mora além das nuvens.

<sup>1</sup> Cf. Jacir de Freitas Faria, “A releitura da Torá em Jesus”, *RIBLA*, n. 40, Vozes: Petrópolis, 2001. Nesse artigo fizemos uma análise dos símbolos da Torá na vida de Jesus.

## 7. A assunção de Maria nos apócrifos

Toda a história da assunção de Maria está nos apócrifos. Os escritos sobre Maria foram respostas aos questionamentos sobre a sua vida. Eles são a expressão da fé na virgindade, assunção, santidade e liderança de Maria entre os primeiros cristãos. Não só esses escritos “não autorizados” sobre Maria ajudaram a difundir a fé nela como mãe de Deus, mas a arte e a liturgia. Em 1950, a Igreja católica proclamou o dogma da Assunção de Maria, confirmando simplesmente um ensinamento tradicional. Viva a mãe de Deus e nossa... eternamente. A assunção de Maria só foi possível porque ela era virgem. A presença dos apóstolos no momento em que Cristo vem buscá-la no sepulcro demonstra a legitimidade da assunção. Paulo estava entre eles. Ele não poderia conhecer os mistérios que se passavam com ela, pois era apenas um iniciado na vida

cristã. Os apóstolos não concordam com as opiniões de Paulo, mas Jesus aparece e acolhe Paulo, o que significa que bastava um coração puro como o de Paulo e de Maria para poder atingir a salvação.

## 8. Conclusão: repensando Maria

As religiões têm suas grandes mulheres. No cristianismo e no imaginário coletivo, Maria permanecerá sempre como modelo de mãe intercessora, mas não estaria na hora de acrescentar a esse dado de fé a liderança apostólica e missionária de Maria que os apócrifos nos legaram? Ademais, nos apócrifos Maria não deixou de ser mulher para ser a mãe de Jesus. Vale a pena ler os apócrifos sobre Maria.

---

*Frei Jacir de Freitas Faria, OFM*

*Endereço do autor:*

*Rua dos Contadores, 269*

*Bairro Alípio de Melo*

*30840 – 010 Belo Horizonte – MG*

*jacirff@inetminas.estaminas.com.br*

*www.franciscanosantacruz.org.br/leiturabiblica.htm*

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1 Que traços do perfil de Maria, feito a partir dos evangelhos apócrifos, chamaram mais a sua atenção?
- 2 No seu contexto, como continuar alimentando a devoção mariana do povo, na perspectiva da mariologia pós-conciliar?

# Memória: páscoa e resistência indígena

ROSA ADELA OSÓRIO S., FMM

## *Introdução*

Confesso que não foi simples decidir o enfoque do presente artigo. Tanto o tema da Campanha: *Fraternidade e povos indígenas* quanto o lema por *Uma Terra sem Males* são ricos em conteúdo e abrem um leque enorme na reflexão proposta.

Ambos oferecem perspectivas diversas. Quero iniciar com o tema do testemunho das mulheres porque a Campanha da Fraternidade conduz a este mistério. Elas se tornaram testemunhas de um evento salvífico ao longo da história. Como também, muitas mulheres indígenas continuam dando o testemunho de que a vida pode vencer o mal resistindo às forças do império que já decretou sua morte.

Então a gente se pergunta: O que vai ficar depois da Campanha da Fraternidade no 2002? Ela diz algo específico aos e às religiosas de hoje?

## *Elas Testemunharam a Vida*

Após os “500” anos do Brasil e dois das comemorações deste evento, a Igreja convocou e propôs o tema e a “questão” dos povos indígenas como cerne dinamizador da Quaresma e da Campanha da Fraternidade. A proposta do tema ajuda a recordar a importância das mulheres na sobrevivência dessas culturas.

À luz da memória indígena quero começar a reflexão falando das mulheres do Evangelho como as primeiras anunciadoras da Vida Nova proposta

por Jesus Ressuscitado. Elas deram testemunho de um fato novo inaugurado pelo Senhor da história, geraram uma nova experiência na comunidade de Jesus. E a Igreja nasceu ao redor da experiência do Ressuscitado.

O tema e o lema deste ano enriquecem a Vida Religiosa e a aproximam da grande questão indígena, despertando maior solidariedade missionária.

Na marcha comemorativa dos 500 anos de história do Brasil, em Porto Seguro, muitos povos indígenas deram testemunho da sua força e coragem em continuar lutando pela vida e a sobrevivência da cultura de seus povos. Estes povos viveram a dinâmica do processo quaresmal e da Páscoa de Jesus, se assim o quisermos comparar, com o espírito do Ressuscitado do povo cristão.

Os Evangelhos nos contam como as mulheres são as testemunhas primeiras deste grande evento (cf. Mc 16,1-11).

A Páscoa é o eixo que origina e sustenta a fé do povo cristão. Para ele converge todo o dinamismo apostólico das primeiras comunidades (cf. Atos 2,24ss. 1Cor 15,17).

Inicialmente, a Ressurreição é uma experiência testemunhada por elas. Mesmo quando os discípulos não acreditaram em suas palavras, as mulheres passaram para a história da salvação como “porta voz” deste mistério. A eles, elas contaram que o Amigo Jesus estava vivo. Era o Ressuscitado.

Foi difícil compreender o relato do Corpo Ressurgido das entranhas da terra. Todo o povo tinha visto o sepultamento Dele... Jesus tinha sido banido do meio do seu povo. O sonho da Vida Nova estava obscurecido... pelas forças do mal que o levaram à morte. Porém, as mulheres teimaram em continuar ritualizando os cuidados do Corpo já inerte pela violência do império. Elas estavam procurando aconchegar o morto... Será que elas perceberam a sua sacralidade...? Uma coisa é certa: as mulheres queriam limpar o sangue incrustado nas feridas do Corpo... Feridas cravadas na maciez da carne ao registrar a morte violenta de um Amigo terno e profundamente humano. É tarefa comum realizada pela sensibilidade humana, em situações violentas.

Elas estiveram presentes no dia a dia de Jesus. Fizeram o caminho com ele. Este caminho as preparou para a compreensão do mistério e a entrega radical. As mulheres o entenderam, testemunhando-o. Elas guardam na alma o mistério silencioso da noite e da morte de Jesus pronto a ressurgir num novo amanhecer. É o mistério escondido no silêncio do corpo humano e na condenação imposta com violência.

Esta experiência misteriosa da morte é feita continuamente pelas mulheres lutadoras do povo e da terra. As indígenas prosseguem a resistência recriando quotidianamente a vida. Elas conservam a sabedoria da terra. Há, de fato, algo que une as mulheres do povo quando a dor perpetua as entranhas da morte.

O corpo físico da mulher é carrega-

do de mistérios cíclicos. Ela está continuamente chamada a recriar a espécie. Sobretudo quando os riscos da extinção da vida marcam presença. Seu físico liga-a profundamente com o nascimento da Vida Nova. Sua natureza a identifica às entranhas da Terra Mãe. Ambas estão capacitadas a gerar uma nova vida. Elas incorporam o germe da semente viva. No aconchego do seu ventre a mulher pode ir gestando a novidade perene... O relato da Ressurreição pode evocar essas coisas e delas se faz Mistério.

Parece que o corpo de Jesus assassinado criou, no sepultamento e no corpo das mulheres, o espaço do tempo necessário para uma nova experiência. Mais tarde Ele ressurge no mistério vivo da mística que elas testemunharam. Jesus vive. Elas o afirmaram! Ele se faz presente, caminheiro e caminhante, nas entranhas da história (cf. Lc 24,13-35). No processo da experiência, elas fazem comunhão com o mistério da vida. Acreditam nesta novidade.

Segundo este testemunho, a fé no Ressuscitado recria continuamente a esperança. Ela faz surgir da morte e da violência imperialista o recriar da história. Neste sentido, Neusa Pataxó, falou na celebração da memória do cacique Xicão Xukuru, em maio de 2000: "*Tiraram a vida de uma de nossas lideranças, mas nós, mulheres, temos o poder de gerar outras dez*"<sup>1</sup>.

As palavras desta mulher testemunham esta força, este vigor doado gratuitamente pelo Criador ao corpo das mulheres. Elas geram na sua intimidade a vida nova, recriando-a. As mulhe-

<sup>1</sup> CIMI, *Outros 500. Construindo uma nova história*, São Paulo, Salesiana 2001, p. 204.

res alimentam com seu próprio corpo a vida de outros seres nela gerados. São, sim, portadoras do Mistério Divino. São mulheres de Evangelho. Por isto mesmo elas foram as privilegiadas e primeiras a anunciar que Jesus tinha ressuscitado. Elas memorizaram a vitória dele ante o império da morte. Proclamando então, que o Amigo estava vivo, pois já havia ressuscitado.

### *Resistência do povo*

A Ressurreição é um tema central para a fé das comunidades no meio do povo. De igual maneira, o tema da resistência faz parte da sobrevivência indígena. Isto mostra a fé dinâmica que alimenta a esperança de tantos povos indígenas, ainda vivos, no território nacional.

A população indígena supera as 550 mil pessoas. São cerca de 235 povos. Cada qual com suas crenças, hábitos, tradições, religiosidade e formas de pensar ou celebrar a vida segundo o costume de seus ancestrais.

Grande parte da população carrega geneticamente, cultural e religiosamente as marcas desta herança. É parte do seu patrimônio e identidade. São raízes sagradas dos povos que plasmaram no sangue as suas marcas. É uma história que foi nutrindo o corpo mestiço de milhões neste país. É a genética perpetuando a memória doída de tantas lutas e povos gerados, na coragem, para resistir à ganância da riqueza e do lucro a conquistar.

Assim afirma Maura Titiá, do povo Pataxó Hã-Hã-Hã, na Bahia: "*Nós, mulheres de todos os povos indígenas,*

*temos sofrimentos parecidos. Nós sofremos todo tipo de miséria, morremos de tantas formas e em nome dessa riqueza que está aí, nas mãos de quem? Por isso, precisamos unir nossas forças, buscar caminhos para colaborar na luta pela terra, pela cultura, pelo respeito*"<sup>2</sup>.

As mulheres, principalmente, sem excluir o trabalho dos varões, ao alimentarem seus filhos e filhas, foram nutrindo e configurando o ethos da mestiçagem, a psique e o corpo das gerações posteriores ao período da conquista e do império.

Foi no silêncio misterioso das mulheres, ao plasmarem novos corpos, fruto muitas vezes do abuso sexual e das múltiplas formas de violência a elas infligidas, que elas geraram um povo, aparentemente frágil e inferiorizado, mas resistente e ágil no sentido criativo da vida. Há, sim, muitas dores ocultas no silêncio da história. Não é por um acaso do tempo que tantos povos indígenas ressurgem neste país. Eles reivindicam o direito à herança e à identidade de seus ancestrais.

Povos diversos vão mergulhando nas entranhas do tempo e desde suas origens enfrentam o sistema reinante no coração do capital. São como o sangue derramado na terra perpetuando a memória da mãe pronta para a fecundação.

Resistência santa visibilizada na Conferência Indígena de Porto Seguro, no ano de 2000. Sobre o tema escreve Dom Pedro Casaldáliga: "*Há hoje – com a consciência continentalizada e até mundializada –,*

<sup>2</sup> Idem, p. 135.

*uma indomável resistência de lutas, martírios e vitórias que também este livro enumera numa outra ladainha, esperançadora: a reconquista da terra, o crescimento populacional, o movimento indígena, as alianças, o protagonismo emergente da mulher indígena, a retomada da própria cultura e identidade, a nova educação indígena, os povos ressurgidos, os povos novamente livres...*"<sup>3</sup>.

São os povos filhos e filhas da terra conspirando continuamente contra o império que usurpou e continua usurpando o seu direito a existirem com a sua identidade própria, com a sua religiosidade e cultura inata. A religiosidade atual e suas práticas mais antigas são a força unificadora da história.

Eles, como povo, testemunham a força que os sustenta. São o sangue de seus ancestrais fertilizando a semente originária da vida. No sentido profundo de sua memória ritualizam o segredo de suas raízes.

Ao longo do tempo, estes povos entrelaçam a história, a presença da vida e o mito da **Terra sem Males**. É esta a espera do *ethos* no campo da vida recompondo a tempo o mito da terra sem males.

Assim é a *memória* dos povos antigos que arde presente no corpo e na terra de entranhas tão novas. É sim a vitória da mãe que no ventre da Terra proclama um novo projeto na ausência dos males. Ela cria um espaço que a vida renova. Resistência de ontem, ela faz na presença, a memória de **indígena**. É a paz em promessa de um futuro na espera do novo.

Ninguém duvida. Índia, índio sem a terra são destinados a seu próprio extermínio. Hoje assistimos à destruição indiscriminada do planeta. A cultura gananciosa do ocidente levou à mentalidade do uso lucrativo e à exploração de seus recursos naturais.

Esta mentalidade se choca com a dos povos indígenas que se relacionam cuidadosamente com a Mãe Terra. Suas crenças fazem parte vital do relacionamento com ela. Da terra usam os bens pródigos que nascem na intimidade obscura de sua interioridade. Identificam-na com a mãe generosa que deixa crescer nas suas entranhas o alimento e a vida. Dela aprendem e vivem, como regra de vida, a partilha generosa. Suas entranhas conhecem a prática graciosa do crescimento, da fertilidade, do amor. Ela ensina a dar continuamente... Por isto, abunda entre os povos indígenas o alimento.

Nesta perspectiva, para estes povos, a mulher e a terra são semelhantes. Sua interioridade é sagrada. São divinas. Estão possuídas pela força vivificante da fecundidade. Como disse o ditado popular: "a terra é generosa... plantando ela dá".

Mulher e Terra se identificam. São reverenciadas, sagradas, deusas a favor da abundância da vida. Estabelece-se, a partir deste princípio, um compromisso coletivo. Um relacionamento interdependente. Um amor que as protege e resguarda do mal. Um espírito que as protege coletivamente. Na Declaração Internacional do Foro de Mulheres Indígenas, em 1991, encon-

<sup>3</sup> Idem, p. 11.

tra-se a seguinte afirmação: “*Como mulheres dos povos indígenas, nossas vidas estão entrelaçadas com o mundo natural. Nossos mitos da criação contam da nossa emergência de terras naturais que agora continuam alimentando-nos e que dão um significado profundo às nossas vidas. Somos inseparáveis da Terra de onde fomos criadas*”<sup>4</sup>.

Hoje constatamos que a terra sangra e chora o seu destino de vítima da ganância da cultura capitalista enraizada na lei máxima da exploração. A terra continua morrendo. Seus recursos escazeiam. Suas nascentes de água vão morrendo dia a dia. É um sofrimento e uma dor contínua. A guerra e as armas da destruição se impõem, seguem o projeto de morte imperialista configurado pelo sistema do neoliberalismo mundial.

Porém é uma grande responsabilidade cuidar da terra. Há uma convocação ética para salvaguardar a vida no planeta. Assim como a vida nos foi dada na gratuidade, há também uma tarefa urgente de retribuir-lhe tanta generosidade. Ela é a *Pacha Mama* incaica.

A Natureza, para a cultura dos diferentes povos indígenas, goza de sacralidade. A ela se lhe pede licença para plantar ou cultivar o alimento. Se lhe reverencia e agradece pela fertilidade e a vida crescida em suas entranhas. Dela depende a vida de todos os seres que a habitam. É digna de amor reverente e dos cuidados que a mantêm viva.

A conquista irreverente das terras indígenas é uma característica imposta pela colonização européia, hoje perpe-

tuada pela rigidez do sistema imperante no neoliberalismo mundial. As relações impostas foram mudando as leis. Na violência com a natureza, estabeleceu-se um desrespeito para com a vida dos seres humanos. Para com todo tipo de vida. Novas regras desregularam o mundo cíclico da terra e das mulheres.

Tem-se estruturado o mais nefasto sistema ao provocar inúmeras exclusões. Parece que as divindades estão ausentes ou como disse o salmista: “*Terá Deus se esquecido de sua misericórdia? Fechou-nos o seu coração? Eu digo: Deus não intervém como antes, dali nasce a minha dor*” (cf. Sl 76). Em muitos momentos, diversos povos indígenas também experimentam esta situação em relação às suas divindades.

Surge uma pergunta e um assombro: Onde está o vigor de uma civilização que produz na estrutura do seu sistema uma cultura tão violenta, que mata e fere indiscriminadamente a vida? É a Mãe Terra com todos seus pertences que sangra e chora. *São as dores de parto... é o anseio da paz. É o direito indígena persistindo ante o império e ao mal. Assim declara Rigoberta Menchú: “Para nós é irrenunciável o direito à terra, porque dela dependem nossas vidas e a continuidade de nossas culturas. Defender nossas terras ancestrais é lutar para poder trabalhar nelas e para ter com que trabalhá-las, para que nossos campos voltem a florescer e nossas terras se renovem. Este é o nosso compromisso como culturas indígenas com a conservação e com a defesa da natureza*”<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Con-spirando. (1992) N. 2, p. 16.

<sup>5</sup> Idem, p. 49.

A cultura ocidental poderá aprender das diferentes culturas indígenas. Elas defendem valores que as vivificam. Geralmente praticam uma espiritualidade própria que as relaciona com o mundo dos espíritos sagrados. Estas religiões conservam o princípio dual na expressividade de uma unidade única. O Sol e a Lua manifestam esta realidade da vida. Por exemplo: dia e noite são uma unidade. Um e outro estão ligados por uma seqüência unitiva. Um não existe sem o outro.

De igual maneira ocorre nas relações sociais. Para estas culturas a unidade dual existe e favorece tanto a realidade masculina quanto a feminina da vida. Entre eles não há masculino sem o feminino ou vice-versa. Entre os indígenas, o dinamismo cultural e o contato com as outras culturas tem influenciado o processo de mudança. Porém, entre mitos e metas, muitos povos conservam a essência de sua originalidade e identidade que os dignificam.

Da fonte de seus ancestrais emerge uma sabedoria milenar. Há muito a aprender com estes povos. Por exemplo na organização sócio-econômica, o forte em seus valores é o sentido coletivo e a comunidade. Nos trabalhos de pescar ou cultivar a terra, toda a comunidade é beneficiada. Todo o povo come. Muito diferente do sistema ocidental onde impera o individualismo e a propriedade privada. Basta aproximar-se deles numa atitude reverente e abrir-se para uma aprendizagem, um diálogo intercultural.

### *O que aprender destas culturas?*

Basta uma palavra, uma atitude, uma memória para sentir a diferença entre os

povos. Na diferença aparece a sua riqueza. Unir o conhecimento novo com a sabedoria das antigas tradições é uma prática dos povos no mundo. Faz parte do processo civilizatório. Também é uma prática comum entre os povos, erroneamente identificados como 'indígenas'.

Considero positivo e urgente a cultura do ocidente, as Igrejas e a economia mundial abrirem possibilidades de aprendizagem no diálogo intercultural, neste novo século. Ambos teriam muito a aprender se o desejarem. Na linha dos valores e dos significados atribuídos à vida e seus costumes mostra a qualidade das relações e da vida vivida entre os humanos; destes com a Natureza e com o mundo transcendente.

Podem as culturas indígenas nos ensinar a valorizar:

- a terra
- a prática da partilha
- o estabelecimento de um sistema de vida comunitário

Há entre suas culturas a tradição de uma forma de vida mais comunitária. Buscam o bem-estar de toda a população.

- Fortalecem no dia a dia a solidariedade, a partilha, o respeito pelos direitos de cada um, e de todos os povos entre si. Entre os Nambikuara, por exemplo, a generosidade é um sinal de poder.
- Com seu jeito cultural próprio e a maneira de estabelecerem suas relações sócio-familiares, apresentam uma alternativa ao modo de exercerem o poder no sistema cultural do mundo ocidental. Entre eles não há crianças ou pessoas idosas abandonadas e com fome, enquanto outros acumulam bens.

- Diante do drama mundial, em relação à possível morte do planeta terra, os indígenas podem nos iniciar neste retorno ao encontro com as forças da natureza cósmica. Podem nos conduzir à morada profunda de nossas entranhas e penetrar os mais recônditos segredos da natureza selvagem da vida<sup>6</sup>.
- Neste retorno, ir ao encontro da alegria curativa que a natureza entoa quotidianamente ao raiar de um novo dia. Entrar de novo no lugar natural que habita o poder das mulheres<sup>7</sup>. Buscar o encontro profundo do Mistério divino que as envolve e da vida semeada na interioridade silenciosa e obscura de suas entranhas.
- Perpetuar o abraço reconciliador e cósmico de outro estilo de relações. Estabelecer um pacto com a vida. Um compromisso irredutível para com a construção de um mundo mais humano que se sinta em comunhão, que respeite os direitos e ame a justiça em todos os níveis de seu relacionamento. Uma cultura que possa eliminar do seu meio a prática da exclusão e da morte violenta.
- Que a paz seja uma tarefa mútua no processo da mundialização imposta. Que a humanidade habite novamente o mundo originário das mulheres e da natureza cósmica. Pois a força da vida paira no universo. Tudo encontra ali força e acolhimen-

to, como afirmam as culturas antigas, na mútua interdependência.

- Hoje, esta sabedoria antiga encontra suporte no conhecimento científico. A vida dos seres humanos depende da qualidade de energia viva existente no planeta. Por isto, nas culturas indígenas é costume dar o descanso à terra depois de cultivarem seus produtos. Há uma esperança cósmica... O mundo cristão pode contribuir neste projeto novo. É a esperança de que o Ressuscitado apareça no meio de seu povo.

Para isto é necessário que a humanidade supere o egoísmo e a competitividade<sup>8</sup>. Limitações marcadas com a autocompreensão de um eu extremamente ganancioso, egoísta e frágil. Pouco caracterizado do Espírito transcendente.

### *O que dizer na Vida Religiosa de hoje?*

Uma questão que me acompanha freqüentemente é o tema da inculturação. Quantos entraves hão de ser superados no continente, no Brasil e na Igreja a fim de atingir realmente os seus objetivos.

Digo que é uma questão complexa. A conquista incrustou na mentalidade popular o desprezo por tudo que fosse das culturas nativas. Foi criado o destino do **não ser** a identidade cultural que se é de fato. Aprendeu-se a aparecer como é o de fora, o europeu ou o

<sup>6</sup> Sobre este assunto consultar o livro de Clarissa Pinkola Estés, *Mulheres que correm como Lobos. O arquétipo da mulher selvagem...* Nele, a autora resgata a originalidade positiva da força e o vigor inato da identidade feminina. É um caminho que conduz à origem do humano, salvando-o. Homem e mulher nele se reencontram.

<sup>7</sup> Idem.

<sup>8</sup> Ruether R. Rosemary, *Gaia y Dios. Una Teología Ecofeminista para la recuperación de la Tierra*, Demac, México 1993, p.p. 27-69.

branco. Durante séculos se negou a cor, o jeito de ser, a religião e a organização social da terra e do povo que nela já existiam. Isto trouxe conseqüências sérias para a Vida Religiosa no país.

O modelo de Vida Religiosa que foi se estabelecendo caracterizou-se pela cultura do país de quem vinha como missionário, missionária. A relação social a que os indígenas foram submetidos, como seres 'inferiores', na sociedade colonial, com algumas variantes, foi estabelecido igualmente no interior da Igreja. As desigualdades se instalaram perpetuando a idéia de sua 'incapacidade' para viver o estilo de Vida Religiosa proposta que ao fazerem parte da vida nas congregações, poderá enriquecer a própria espiritualidade religiosa.

Para superar este preconceito é necessário que se lhes considere a partir de sua diversidade cultural própria a cada povo. Não se pode continuar justificando a falta de inculturação com a sua suposta incapacidade para a Vida Religiosa. Estas culturas gozam de uma experiência religiosa muito forte.

Não duvido que o caminho do diálogo intercultural, no continente todo, está convocado a dar maiores passos nesta direção. Também a Vida Religiosa pode construir *outros 500 anos* no futuro próximo, na história de suas congregações com atitudes mais abertas à diferença cultural presente no continente.

Se japonês, por exemplo, pode vivenciar um determinado carisma congregacional, o que impediria que uma pessoa Xavante ou de outro povo optasse por este estilo de vida consa-

grada? Algumas congregações começam a abrir suas portas. Isto expressa o desafio que vem no futuro muito próximo e ao mesmo tempo são sinais de grande esperança.

Certamente é o início para superar posições incorretas, porque culturalmente nunca se olhou o povo indígena com a dignidade de gente, igual em sua essência antropológica aos outros povos do planeta. Esta é uma herança da pretensa superioridade cultural do mundo ocidental. O índio e índia são capazes de pensar e viver a espiritualidade da vida consagrada como qualquer outro povo da terra. Eu acredito nisto. Claro que, o mesmo, supõe várias mudanças... Fica o desafio como proposta.

### *Mudanças no nível religioso*

A teologia faz o seu caminho. Certamente aprende muito das várias culturas. Sua sistematização está condicionada pelo tempo ou contexto de quem a faz. A historicidade também marca presença na teologia cristã. É importante ter presente que Jesus, de coração pobre e aberto, viveu sempre na contramão e em contradição com o costume vigente, porque se atreveu a sopesar os valores. Não se trata do que é bom ou mal<sup>9</sup>. É uma questão de escolha do que se considere mais certo, segundo o contexto e costume sócio-religioso naquele momento histórico.

Uma teologia realmente contextualizada, enraizada na herança das culturas indígenas há de ser diferente, sem perder o espírito da Revelação, a essência de Jesus – o Ressuscitado.

<sup>9</sup> Cf. María Alicia Brunero, *Las actitudes de Jesús. Lectura ética del Nuevo Testamento*, San Pablo, Buenos Aires 1996, p. 94.

Creio que já se inicia o caminho do reconhecimento da cosmovisão dos povos indígenas como fonte inspiradora da espiritualidade, no mundo das igrejas cristãs. Já se deixa questionar pelos seus ritos e mitos. Aprende-se lentamente a ir além dos estereótipos do passado em relação ao mundo indígena.

A mestiçagem religiosa enraíza nelas parte de sua origem. Muitos de seus elementos são essenciais em sua identidade... Embora estejam condicionados à sombra de um passado, geralmente pouco assumido e integrado como riqueza que os diferencia de outros povos do planeta.

Há um caminho a percorrer. É tarefa trazer à memória os ritos, os mitos que especificam nossas origens. Há de brotar, neste processo, um novo impulso a partir da paz reintegradora de nossas origens. Estas raízes, sua sabedoria e tradições podem contribuir com a descoberta maior na teologia que inspira o aspecto feminino da Divindade. Tema central na proposta de análise da realidade social a partir das relações de gênero.

É urgente rever as imagens sagradas e a teologia que iluminam, alimentam e sustentam a espiritualidade das congregações religiosas. Rer e interpretar seus carismas fundacionais e continuar dando passos em busca da inculturação possível, no processo da refundação de cada congregação presente no solo deste continente americano.

Neste sentido, a Campanha da Fraternidade foi um ato rico e muito positivo. Com certeza produzirá excelentes frutos.

O tema proposto nesta reflexão fica em aberto. O sonho persiste e a teimosia insiste. Há de se trocar as armas da violência pela solidariedade e a paz. Jesus ressuscitado é o novo projeto da salvação. A força e o vigor da Vida continuam vencendo na História humana. Esta é nossa vitória.

---

*Rosa Adela Osório S., FMM. Doutora e Professora de Teologia Moral.*

*Endereço da autora:*

*Rua Dialogita, 467 - Sta. Efigênia*

*30270-120 - Belo Horizonte - MG*

*E-mail: adelas@terra.com.br*

*Telefone: (31) 3482-7273*

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1 Sua congregação está presente em áreas indígenas? Qual tem sido o relacionamento da mesma, para com a diferença cultural do povo?
- 2 Há pessoas assumidas em sua identidade indígena, na congregação? Como se dá a convivência com as diferenças?
- 3 A congregação tem gastado tempo em estudos sobre o patrimônio e diversidade espiritual que contém a cultura dos povos indígenas? Realmente acredita nestes valores?
- 4 Existe algum projeto congregacional que abrace a causa e o compromisso com a defesa dos direitos indígenas no seu país?

# Os religiosos e a política

JOSÉ COMBLIN

O Cânon 287, § 2, dirigindo-se aos clérigos, determina o seguinte: "Não tenham parte ativa nos partidos políticos e na direção de associações sindicais, a não ser que, a juízo da competente autoridade eclesiástica, o exijam a defesa dos direitos da Igreja ou a promoção do bem comum". O Cânon 672 diz: "Os religiosos são obrigados às prescrições do cânon 287..."

O interessante é que o código prevê que pode haver uma "exigência" de ter parte ativa nos partidos políticos e na direção de associações sindicais, não somente para a defesa dos direitos da Igreja, mas por causa da promoção do bem comum, o que é uma concessão muito ampla.

Cabe à autoridade competente julgar se existe ou não essa motivação de promoção do bem comum que torna a parte ativa de sacerdotes ou religiosos na política uma "exigência". Mas cabe a todos nós refletir sobre o assunto e fornecer à autoridade competente todos os elementos que lhe permitam dar uma sentença justificada e autorizada pelos fatos, e não apenas reagir de maneira emocional, ou fundamentar a sua decisão em razões ilusórias ou mesmo simplesmente falsas.

O comentário do padre Jesus Hortal que acompanha a edição oficial do Código de Direito Canônico publicada pela

CNBB, (Ed. Loyola, 1983), acrescenta o seguinte: "Desaparece deste cânon a proibição que havia no Código de 1917 e que se conservava no primeiro projeto da comissão, de tomar parte nas "guerras civis e nas perturbações da ordem pública". A razão, dada no seio da comissão de reforma é que "há momentos na história de um país nos quais os clérigos não podem ficar indiferentes" (cf. *Communicationes* 14, 1982, p. 83).<sup>1</sup>

Isto quer dizer que pode ser perfeitamente permitido e mesmo obrigatório que clérigos ou religiosos participem ativamente em revoluções e guerras revolucionárias. Podemos provavelmente ilustrar essa supressão do código à luz da homilia que o Papa João Paulo II pronunciou em Cracóvia em 22 de junho de 1983<sup>2</sup> por ocasião da beatificação de Frei Rafael Kalinowski, o. carm., e irmão Alberto Chmielowski, fundador dos albertinos.

O Papa disse o seguinte: "Esse dom da vida pelos próprios amigos, pelos patrícios, manifestou-se, entre outros, em 1863 pela sua participação na insurreição. Joseph Kalinowski tinha então 28 anos, era engenheiro e tinha a patente de oficial no exército do czar. Adam Chmielowski tinha 17 anos e era estudante no Instituto agrícola e florestal de Pulawy. Ambos eram levados por um amor heróico pela pátria. Por ter

<sup>1</sup> Cf. Código de Direito Canônico. Loyola, São Paulo, 1983, pg 133.

<sup>2</sup> Cf. *Documentation Catholique*, n. 1857, 65º ano, t. LXXX, n. 15, col. 809.

participado na insurreição Kalinovski foi deportado para a Sibéria; a pena de morte foi comutada em exílio na Sibéria. Para Chmielovski o preço foi a mutilação”.

Lembramos essas duas figuras em 1963 por ocasião do centenário da insurreição de janeiro, reunindo-nos na igreja dos pp. Carmelitas Descalços, como dá testemunho a placa comemorativa. A insurreição de janeiro foi para Joseph Kalinovski e Adam Chmielovski uma etapa para a santidade, a qual é o heroísmo de toda a vida”. Se a participação numa guerra revolucionária pode ser uma etapa para a santidade, por ser dom da vida, na Polônia, podemos presumir que poderia sê-lo também em outros países. Por isso não se podia mais condenar juridicamente toda participação nas guerras de insurreição. Os dois beatos não eram ainda religiosos quando participaram na insurreição, mas essa participação já era uma etapa na caminhada da sua santidade de religiosos.

Para situar corretamente a problemática da participação dos clérigos e religiosos na política precisamos partir do contexto histórico. Ora, aqui precisamos destacar dois fatos históricos fundamentais de um imenso significado.

O primeiro fato é que o Papa é chefe político a 100%. Ele é chefe de um Estado soberano, exercendo todos os atributos da soberania política. Quando viaja, é recebido como chefe de Estado com todas as honras e mordomias embora proclame que as suas viagens são puramente apostólicas. Não poderiam ser puramente apostólicas, já que são viagens de um chefe de Estado e o Papa não somente não pode es-

conder a sua condição política, mas nunca faz nada para ocultar o fato de ser o soberano da Cidade do Vaticano. As suas viagens não são viagens de um incógnito, sob nome suposto, como costumam fazer membros das famílias reinantes que querem fazer viagens sem serem reconhecidos como membros de famílias reais.

Além disso, o Papa recebe embaixadores e envia núncios como fazem todos os Estados. Participa e procura participar cada vez mais das assembléias e instituições internacionais como as Nações Unidas. O Papa tem uma polícia, uma administração e de modo geral todos os órgãos de um Estado moderno.

De fato, o Vaticano participa ativamente do jogo político de poderes, das competições internacionais. Procura promover os seus objetivos por todos os meios políticos que consegue acumular. Age politicamente. Não dispõe mais de força militar como outrora, mas dispõe de uma força cultural e moral importante. Consegue mobilizar governos amigos e formar alianças políticas que agem com força no cenário internacional. De certo modo pode-se dizer que o Vaticano é o Estado mais antigo do Ocidente porque permanece desde o século VIII quando os Carolíngios reconheceram aos Papas a soberania sobre os Estados Pontifícios.

Ora, o Papa é também um clérigo. Sendo clérigo, une na sua pessoa o maior poder religioso com o maior poder político sem que jamais se faça objeção em contra desta simbiose. Se o Papa pode unir função clerical e função política, não há razão metafísica para que outros clérigos o façam tam-

bém. Pois, a soberania na Cidade independente do Vaticano não está nas atribuições que a Bíblia confere ao sucessor de Pedro. Não é um privilégio que lhe teria sido conferido por direito divino. Pedro nunca foi soberano de nenhum Estado. Portanto, não se trata de uma questão dogmática, mas puramente histórica. A questão de decidir se um clérigo pode ou não exercer uma função política, é puramente de ordem histórica e contingente, e não repousa em argumentos de doutrina, seja dogmática, seja moral. Todas as razões que se pode dar em nome da moral ou da dogmática em contra da participação política dos clérigos, carecem de fundamento real. São argumentos de conveniência que podem ser vencidos por argumentos de maior conveniência.

Há um segundo fato fundamental que precisamos levar em conta. É o fato de que de fato o clero participou ativamente do jogo político, não somente na época clássica da cristandade, mas mesmo depois dela. Depois da Independência o clero ocupou um lugar importante nas novas instituições de cada nova nação. Por exemplo, no Brasil, a primeira constituinte foi presidida por um bispo Dom José Caetano da Silva Coutinho, e além dele havia 21 sacerdotes na assembléia. Na América Latina, mesmo depois da Independência, ou, como no Brasil, depois da proclamação da República e da separação entre Igreja e Estado, nunca houve separação de fato:

Sacerdotes e religiosos procuram multiplicar as conexões políticas a nível de município, de Estado ou de Federação. Os clérigos procuram ajuda financeira para as suas obras (colégi-

os, hospitais, pastorais sociais, meios de comunicação, etc.). Em câmbio oferecem o seu apoio moral que é um fator importante no jogo dos partidos. Os clérigos procuram dissimular as alianças, os convênios, os acordos, os relacionamentos com as autoridades, mas elas existem e mostram que a participação do clero sempre foi grande, e o clero sempre tende a aumentar a sua presença no cenário político. Isto não constitui um fato condenável. Não é um mal a priori. Muito pelo contrário.

O problema é que quase sempre o clérigo ou o religioso colocou o seu poder político a serviço da "situação", a serviço do partido dominante, a serviço das autoridades estabelecidas. Ora, na América Latina, salvo poucas exceções, o partido dominante, o partido que governa, é o partido dos ricos, dos poderosos, dos proprietários. Dada a imensa desigualdade reinante na sociedade latino-americana, de fato o clero reforça a dominação da classe superior e tende a manter a situação estabelecida. Faz 50 anos que se denuncia esta situação e pouca coisa mudou. Em muitos países houve e ainda há um visível retrocesso (Chile, Peru, Equador, México).

A preocupação da classe dominante é defender a sua dominação. Fazendo aliança de fato com ela, os clérigos colaboram, de fato, com a permanência da violência estabelecida como diz Medellín. O clero tem uma imensa responsabilidade na situação de injustiça institucionalizada, de desigualdade desumana que predomina no continente. A sua força moral justifica a situação existente e combate de fato todos os movimentos de mudança social.

Para defender-se os clérigos podem invocar declarações e documentos eclesiásticos que mostram palavras bonitas e realmente edificantes, exatamente como as declarações do FMI ou de Davos. Mas, uma vez que se vai ver no plano local, na prática de cada dia, o fato abrumadoramente evidente é uma imensa colaboração e cumplicidade entre o clero ou os religiosos tomados em forma massiva e o sistema estabelecido. É uma aliança real com as classes dominantes. Para desmentir esse fato, procuram citar nomes de clérigos e religiosos comprometidos com as causas populares. Mas, para um religioso ou uma religiosa comprometidos, há dezenas ou centenas de outros que estão de fato comprometidos com o sistema, ainda que não gostem de reconhecer o fato.

Por conseguinte, o contexto em que se situa a questão da participação política do clero e dos religiosos é a imensa e profunda aliança entre o clero e a situação estabelecida na realidade de cada dia, mesmo se os textos dizem o contrário. Existe uma participação latente do clero e dos religiosos na política de consolidação do sistema.

Esta colaboração de fato está encorajada pela política do Vaticano na América Latina. O Vaticano, desejoso de reforçar o seu prestígio e a sua influência junto aos governos latino-americanos, oferece-lhes não somente de fato, mas de forma aberta o seu apoio. Deu e ainda dá apoio a governos escandalosos, ditatoriais, opressores. Obriga os episcopados locais a colaborar com os governantes ainda que estejam totalmente comprometidos com as classes opressoras da sociedade.

O Vaticano apoiou ostensivamente Pinochet no Chile, Fujimori no Peru, os governos militares na Argentina, no Uruguay, no Brasil e desestimula o mais possível os recalcitrantes. O Vaticano deu apoio ao regime corrupto do PRI no México e obrigou os bispos a praticar o silêncio. Os que não se submeteram foram perseguidos, como Dom Sérgio Mendes Arceo, Dom Samuel Ruiz, e outros. Os bispos, clérigos ou religiosos que se opõem ao sistema, são suspeitos, repreendidos, castigados, condenados. Pode-se afirmar que todos os bispos que tomaram uma atitude profética diante da situação social de injustiça institucionalizada, foram reprovados em Roma, senão pelo Papa, pelo menos pela Cúria, que é sempre mais forte do que o Papa. Foi assim que Paulo VI dizia a Dom Hélder "Continue, mas eu não vou poder apoiá-lo publicamente". Pois, a política do Vaticano era o acordo com o governo. Por não se submeter à política vaticana, a CNBB foi vítima de ostracismo durante 30 anos.

É verdade que há na história latino-americana outro fato que, embora secundário, não deixou de ser significativo. Foi a participação de clérigos e religiosos nos movimentos revolucionários populares nos tempos da Independência e nos anos seguintes. Emblemáticos são os nomes de Hidalgo e Morelos na Independência do México. No Brasil houve na primeira metade do século XIX várias revoluções sociais, em contradição com a maneira como se fez a Independência para garantir a continuidade do poder dos latifundiários. Foram por exemplo, as revoluções pernambucanas, que até

certo ponto se tornaram nordestinas, de 1817, 1824 e 1848.

Em 1817, na insurreição que se proclamou revolucionária e tinha como objetivo uma reforma social profunda do sistema patriarcal da propriedade no Nordeste, vários padres tiveram um papel de protagonistas<sup>3</sup> e desempenharam um papel importante, inclusive na elaboração da ideologia que orientava o movimento<sup>4</sup>. Oliveira Viana chamava essa revolução de “revolução dos Padres”.<sup>5</sup>

Em 1824, diante da desilusão da Independência, militantes republicanos organizam a revolução que deu origem à “Confederação do Equador”. Pernambuco foi de novo o foco da revolução. Frei Caneca foi a cabeça pensante do movimento. Muitos sacerdotes tomaram parte ativa no movimento e também religiosos, sobretudo Carmelitas. Frei Caneca foi morto, e a revolução destruída pelas tropas do Império. Frei Caneca é o protótipo do religioso comprometido com uma causa revolucionária, o mártir da revolução popular, embora a sua memória tenha sido muitas vezes desfigurada.<sup>6</sup>

Este é o contexto histórico em que se situa a pergunta: há atualmente razões de bem comum que exigem a participação ativa de clérigos ou religiosos na política? Pessoalmente estimo que há razões muito fortes que justificam ou exigem que certos sacerdotes ou religiosos ou religiosas assu-

mam um papel ativo na política. Eis aqui algumas razões.

1. Uma primeira razão é que os padres, os religiosos e as religiosas muitas vezes são os únicos que têm contato com o povo dos pobres, sabem comunicar com eles e são capazes de representar as verdadeiras aspirações dos pobres. No Brasil todos os partidos são formados seja por representantes das classes dominantes, seja por intelectuais de esquerda. Os partidos de esquerda são partidos de intelectuais. De modo geral são pouco preocupados pelo que pode pensar o povo. No Nordeste se dá por descontado que o povo dos pobres não vota no PT. O que é um pouco exagerado porque há alguns casos que mostram que trabalhadores podem também às vezes votar no PT.

Um sacerdote, um religioso, uma religiosa que vive mergulhado no mundo popular pode, se é eleito por esse povo, representar de modo autêntico a voz do povo. Pode muito bem suceder, como sucede de fato, que o povo insista para que o padre se candidate, porque confiam nele e desconfiam de todos os candidatos. Diante da confusão criada pelas campanhas eleitorais contraditórias dos partidos no povo, pode acontecer que muitos prefiram votar numa pessoa que conhecem pessoalmente e na qual confiam porque têm provas do seu desinteresse pessoal.

Os pobres percebem muito bem que até os candidatos dos partidos de esquerda vivem como burgueses, reú-

<sup>3</sup> Por exemplo, no governo provisório de 5 membros instalado pela revolução havia o padre João Ribeiro, e o padre Miguelinho era o secretário.

<sup>4</sup> Cf. Carlos Guilherme Mota, *Nordeste 1817*, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1982.

<sup>5</sup> Cf. Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo, *História Eclesiástica do Brasil*, Vozes, 1955, pg. 298-303.

<sup>6</sup> Cf. Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo, *História Eclesiástica do Brasil*, pg. 324-329.

nem-se nos melhores hotéis, fazem as suas assembléias em lugares tipicamente burgueses. Há uma infinidade de pequenos detalhes que mostram quando um candidato não pertence ou já não pertence mais ao mundo dos pobres. Mas, há sacerdotes, religiosos, religiosas que são totalmente identificados com esse mundo.

Os pobres inconscientes votam nos mais fortes, por medo ou qualquer outra razão. Os conscientes querem votar num candidato que conhecem. Há alguns anos atrás conheci um religioso que se candidatou ao cargo de prefeito e ganhou. Antes das eleições, ele se sentia inseguro, porque não tinha dinheiro para a campanha. Disse-lhe: se você não tem dinheiro, há um só caminho: você vai visitar todas as casas do município, uma por uma, o povo vai ficar honrado e feliz de receber uma pessoa importante. Você vai ganhar a confiança e no dia da eleição essa gratidão será mais forte do que os presentes dos ricos. Ele se elegeu com uma margem de votos muito confortável. Um intelectual nunca vai fazer isso.

2. Infelizmente muitos dos políticos são corruptos. São manipulados pelo dinheiro. Não chamam a corrupção de corrupção. Praticam o clientelismo que consideram como o sistema político óbvio. O que se denuncia como corrupção, eles acham a coisa mais normal do mundo. O mandatário considera que todo o dinheiro da coletividade lhe pertence. Como detentor da riqueza pública, ele distribui favores aos seus súditos para garantir a sua fidelidade. Tudo o que o governante faz, é um presente, um dom gratuito. Por isso fazem tanta publicidade de todas

as obras realizadas. São todas como benefícios dados gratuitamente à população, quando na realidade tudo é pago pelos próprios súditos.

Quanto aos eleitos das assembléias, o seu papel consiste em conseguir dinheiro para a sua clientela eleitoral. Fulano é o deputado que mais dinheiro conseguiu para o seu Estado. O eixo da vida política é a conquista e a manutenção de uma clientela.

Os padres não precisam de clientela, nem precisam de um patrão poderoso. Podem estar na vida política sem depender de nenhuma cadeia de clientelismo. Podem ser desinteressados na orientação dos recursos públicos. A experiência mostra que é assim. Na prática, os sacerdotes deputados, prefeitos, vereadores não querem o dinheiro para a paróquia ou as obras religiosas. Podem dedicar-se ao bem comum. O seu exemplo pode ser uma crítica virtual ao sistema clientelista estabelecido.

3. Os padres não precisam fazer carreira política. Os outros fazem carreira na política. A política é o seu meio de subsistência. Uma vez que entraram na política não podem perder sem decair economicamente. Por isso de modo geral a prioridade dos políticos é cuidar da sua carreira. Por isso fazem tudo para permanecer no poder.

Os padres não dependem da política para viver. Podem passar para outro registro. Se perdem as eleições serão reconduzidos numa função pastoral diferente. Perder, não é um drama. Podem enfrentar as autoridades, o governo, o presidente da república porque não dependem deles como os outros. Esta situação confere uma disponibili-

dade total. Padres e religiosos na política não devem temer porque não estão apegados ao seu status. Isto lhes dá uma independência importante, decisiva. Na América Latina, todos os presidentes governam como ditadores com a diferença que nas democracias eles compram os membros do congresso e nas ditaduras eles se impõem pelo medo das armas.

De novo clérigos ou religiosos têm a possibilidade de manifestar independência na defesa e promoção do mundo dos pobres. Não devem fechar a boca por medo das represálias, físicas ou financeiras. Podem enfrentar os ditadores (sejam eles supostamente democráticos ou não).

4. É uma questão de urgência. Pode-se dizer que tudo aquilo devia ser responsabilidade dos leigos cristãos eleitos pelo povo. Idealmente pode-se pensar numa situação em que de fato os leigos católicos se comportam da maneira que foi descrita. No entanto na atualidade esses leigos não existem ou são bem poucos e totalmente insuficientes para darem um testemunho forte no meio do mundo político.

A Igreja não valorizou a formação dos leigos e por isso hoje em dia sofre de uma imensa carência. Por sinal, essa indiferença à formação dos leigos continua, de tal sorte que a situação de carência vai durar ainda pelo menos durante 50 anos. Todos os recursos da Igreja se destinam à formação de sacerdotes e religiosos. Então é normal que eles, sacerdotes e religiosos, assumam todas as tarefas, inclusive aquelas que poderiam ser assumidas por leigos.

Há um problema de urgência. Pois,

hoje em dia, o sistema em que estamos, sistema capitalista puro, não somente gera pobreza, mas degrada os pobres de uma maneira tal que vem o momento em que são irrecuperáveis. Por exemplo, quando um povo se dedica às drogas, que num setor determinado todos os adolescentes entram em quadrilhas de drogadictos e delinqüentes, chegasse a uma situação irrecuperável. Daqui a uma ou duas gerações estaremos diante de uma miséria urbana moral, muito mais do que material que será irrecuperável.

A pobreza antiga não afetava o tecido da sociedade. Mas a nova pobreza atinge o fundo da personalidade. A pobreza constitui um submundo muito amplo. Antigamente havia algo semelhante nas poucas grandes cidades que existiam. Hoje em dia o submundo está se constituindo como o setor mais povoado e uma parte muito importante da sociedade mora em grandes cidades. O submundo é governado pelas quadrilhas de traficantes e constitui áreas que os governos não atingem. São Estados independentes dentro das grandes cidades e ali se organiza a corrupção.

A antiga pobreza não era organizada. A nova pobreza é organizada em forma de sociedade ilegal. As autoridades não atribuem muita importância a esse fenômeno. As burguesias vivem cada vez mais em ilhas protegidas por exércitos particulares e permanecem sem contato com as massas urbanas. Acham que dessa maneira resolvem o problema.

As Igrejas não dão muita importância à política porque acham que de qualquer maneira sempre se achará uma

boa saída a todos os problemas. Participam da ilusória segurança das classes médias. Pois nestas ainda predomina o sentimento de segurança apesar do crescimento recente da criminalidade. A burguesia ainda não se acha ameaçada. Também as Igrejas permanecem num otimismo fundamental quanto à situação social. No entanto os sinais de alarme vão aumentando. Está na hora de a Igreja levar a política a sério.

É bem verdade que se publicam documentos sobre a importância da política, mas são puras palavras sem consequência prática. Uma vez que se entra na vida prática de cada dia, a preparação política dos católicos não conta para nada. Nada se está fazendo a nível das massas católicas que frequentam os templos ou as obras católicas. Não se acha que haja um problema urgente.

Claro está que os sacerdotes ou religiosos que vão ocupar um mandato político sempre serão uma pequena minoria, numericamente insignificante, mas cheia de significado. A grande maioria não vai exercer nenhum mandato político, nem tem preparação ou condição para isso. No entanto, de modo indireto, o clero e os religiosos podem ter um papel importante.

Na véspera das eleições as instâncias da Igreja costumam lembrar aos católicos que devem votar nos melhores candidatos, que só podem votar em candidatos que tenham todas as virtudes cívicas. Como todos os candidatos se acham os melhores, todos têm o mesmo programa em que constam todas as necessidades do povo e todos se apresentam como bons cristãos, ca-

tólicos ou evangélicos, esse tipo de exortação não ajuda em nada.

O problema é que os eleitores não conhecem os candidatos e os sistemas de propaganda usados hoje em dia só podem aumentar a confusão. Os meios de comunicação divulgam retratos de personalidades que não existem na realidade. Mesmo antes da internet, já estava claro que os políticos eram apenas pessoas virtuais. O que são na realidade, está escondido. Então como os católicos podem escolher entre candidatos que são personalidades virtuais criadas pela máquina publicitária?

O clero deve iluminar os fiéis: deve dar nome aos bois, deve citar os nomes e qualificar os nomes. Com isso vai atrair sobre si muita hostilidade, mas essa hostilidade é melhor do que o pecado de contribuir pelo silêncio para que a corrupção se mantenha no poder e que cheguem aos postos de comando pessoas preocupadas pela sua carreira e dispostas a sacrificar o bem comum aos seus interesses particulares.

O povão chegou à convicção de que todos os políticos são iguais: todos mentirosos, todos ladrões, todos preocupados em aumentar a sua fortuna pessoal. Já que são todos iguais, pode-se votar em qualquer um, por exemplo, aquele que dá uma vantagem imediata: tijolos, colchão, gás, conta de luz, remédios, operação cirúrgica. Precisa mostrar que nem todos são iguais, que há candidatos melhores e piores, que há candidatos que podem trazer uma mudança e outros que querem apenas evitar qualquer mudança.

Muitas pessoas não têm capacidade de descobrir isso por si mesmas. Se

confiam no padre, o padre deve dizer a verdade que conhece. Claro que o padre não é infalível e pode errar. Mas ele tem mais condições de conhecer os candidatos e as possibilidades reais de cada um. Já que as informações dadas pelos meios de comunicação de massa, por exemplo a TV, são geralmente enganosas, o padre pode e deve esclarecer a realidade na medida em que é capaz.

O jogo da publicidade consiste justamente em enganar. A publicidade é feita para que o consumidor seja iludido e compre um objeto por qualidades que não tem daquela maneira. A publicidade é a ciência da ilusão. Uma vez que a política se transformou num jogo de publicidade, ela também é arte de enganar. Por isso convém dissipar o véu criado pelos meios de comunicação (TV, rádio) e fazer com que apareça a realidade.

Os religiosos e os padres sendo mais desinteressados podem fazer esse papel. Em nome do bem comum tão prejudicado pelas artes do engano, podem e devem mostrar a realidade, quem é quem, o que significa tal ou qual opção, tal decisão política.

A conduta das nações e das cidades tornou-se tão complexa hoje em dia, que poucas pessoas podem entender de que se trata. Os dirigentes usam o linguajar dos especialistas, que é um linguajar que ninguém entende. Os peritos abusam da posse do linguajar que ninguém entende. Justificam tudo o que querem usando um discurso que ninguém entende. Quando um economista fala, fala para que ninguém entenda. Desta maneira fortalece a convicção que o povo tem de não saber

nada. Ganha a confiança pela segurança com que afirma posições das quais somente especialistas poderiam mostrar toda a precariedade. Usam do linguajar esotérico para enganar. São os magos e os feiticeiros da atualidade

Os religiosos e os padres não são especialistas de economia ou de política. No entanto, têm uma formação mais desenvolvida do que a maioria. Não procuram vantagens políticas e podem julgar de maneira mais desinteressada os programas, as opções tomadas, os fins e os meios usados para alcançá-los. A pouca ciência social que eles têm, é muito mais do que o conhecimento que têm as massas. Podem e devem colocar a serviço dos que confiam neles os conhecimentos que têm. Podem errar, mas sem a sua intervenção, é quase garantido que as massas vão errar.

O exemplo da Argentina mereceria ser estudado. O episcopado sempre foi oportunista, procurando conservar ou conseguir vantagens de todos os governantes, mesmo que fossem ditadores militares. Não preparou nenhuma alternativa. A Igreja não tinha nenhuma prática política.

O resultado está aí: Argentina não tem nenhuma alternativa, somente pode escolher entre diversos grupos igualmente corruptos. Haverá eleições, mas todos os candidatos serão corruptos e não haverá nenhuma saída. A perspectiva a longo prazo é um novo governo militar, uma vez que a sociedade civil se revela ingovernável.

A parte progressista do clero escolheu dar apoio ao peronismo, porque o povo era peronista. Em vez de iluminar, deixaram o povo no engano. Há

pelo menos 25 anos que o peronismo está mergulhado na corrupção, na mentira, no jogo de rivalidades pessoais. O clero manteve a ficção de que era o partido popular e que se devia apoiar o partido que o povo tinha escolhido. Em lugar de preparar e de suscitar uma real alternativa. Agora estão aí. Podem multiplicar os painéis: tudo será em vão porque não há ninguém, nenhum líder, nenhum grupo, nenhum partido que seja isento da corrupção básica dessa sociedade política.

A Igreja não tem responsabilidade nessa situação? Tem uma responsabilidade imensa: a sua omissão foi uma real crueldade para com o povo argentino.

Claro que a Igreja oferece o consolo da religião a um povo que se tornou

miserável e desesperado. A Igreja sempre tira proveito da miséria dos povos: ela é o refúgio dos desamparados, embora ofereça somente remédios para a vida futura. Porém, a sua vocação vai além dos consolos espirituais que pode dar aos excluídos deste mundo.

Que a lição Argentina não seja perdida. Em países em que as elites estão na sua maioria a serviço da manutenção de um sistema profundamente injusto, o clero não pode fugir da sua responsabilidade e pecar por omissão.

---

*José Comblin*

*Endereço do autor:*

*Rua Rosinaldo Santana, 900*

*CEP: 58308-650 - Bayeux - PB*

*notas*

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1 Quais são as principais decorrências do Cânon 287, § 2 para a prática política de religiosos e religiosas?
- 2 Como os religiosos e religiosas podem ajudar o povo a assumir de forma consciente o compromisso político?
- 3 No seu contexto, como trabalhar com as pessoas nesta circunstância de um ano de eleições, para que estas sejam de fato expressão de cidadania?

# Estar a caminho

NICOLA MASI

A palavra “CAMINHO” é uma palavra densa de sentido. Diz dinamismo, movimento, superação de distâncias. Não aceitar o que se é, o que se faz, o lugar onde se está. É marcha, é abrir novos horizontes, não aceitar o já, se lançar além.

Tentaremos analisar brevemente seis CAMINHOS PARADIGMÁTICOS:

1. O caminho de Abraão
2. O caminho de Elias
3. O caminho do Povo Eleito
4. O caminho de Jesus
5. O caminho de Emaús
6. O caminho de Damasco

## *1. O caminho de Abraão*

A vida é um grande caminho, em que o homem sai de si mesmo, da sua parentela, da sua terra, rumo à terra prometida. “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai para a terra que te mostrarei” (Gn 12,1). Quando a vida se torna um caminhar, na fé, até a casa do Pai, então tudo fica abençoado: “Por ti serão benditas todas as nações da terra” (Gn 12,3). Abraão aparece como um homem sem pátria, sem terra, sem filhos. A sua obediência na fé transforma a sua vida. “Ergue ao olhos e olha... Toda a terra que vêes eu a darei a ti e à tua posteridade para sempre” (Gn 13,14-15). “Ergue os olhos para o céu e conta as estrelas, se as podes contar. Assim será a tua posteridade” (Gn 15,5). Abraão, sem terra, sem filhos não poderia acreditar. Mas

“Abraão creu em Javé e isso lhe foi tido em conta de justiça” (Gn 15,6). Para um homem, cujos olhos enxergam o Invisível, esta terra se transforma em terra de exílio e ele se considera “peregrino e estrangeiro nesta terra” (Hb 11,13), sempre à procura de uma pátria. “Ele aspira, com efeito, a uma pátria melhor, isto é, a uma pátria celestial” (Hb 11,16). Ele é um caminheiro, com forte saudade daquela cidade, “cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus” (Hb 11,10). Com esta grande fé no coração o homem é capaz de enfrentar os infinitos obstáculos que se apresentam no seu caminho: exílio, sacrifício do filho, incompreensão dos parentes, assalto dos inimigos, pois “tudo posso naquele que me fortalece” (Fl 4,13).

## *2. O caminho de Elias*

Elias é o grande profeta de Israel, sempre a caminho, às ordens de Javé. “Vai-te daqui, retira-te para o oriente e esconde-te na torrente de Carit... Elias partiu e fez como Javé ordenara” (1Rs 17,3-5) Mais tarde Javé ordena: “Levanta-te e vai a Sarepta... Ele se levantou e foi para Sarepta” (1Rs 17,9-10). Depois de um tempo Javé fala de novo: “Vai apresentar-te diante de Acab... Elias partiu e foi apresentar-se diante de Acab” (1Rs 18,1-2). Elias só se sente conduzido por Javé e nesta sua caminhada só quer fazer a vontade de Deus. Mas isso não concorda com os planos

do rei Acab e da rainha Jezabel, que procuram Elias para matá-lo. “Elias teve medo; levantou-se e partiu para salvar a vida... Foi pelo deserto a caminhada de um dia e foi sentar-se em baixo de um junípero” (1Reis 19,3-4). Cansado, desanimado, Elias não agüenta mais e pede a Javé que o deixe morrer. Mas um Anjo lhe aparece para confortá-lo: “Levanta-te e come”. Elias “abriu os olhos e eis que, à sua cabeceira, havia um pão cozido sobre pedras quentes e um jarro de água. Comeu, bebeu e depois tornou a deitar-se. Mas o Anjo de Javé veio pela segunda vez, tocou-o e disse: ‘Levanta-te e come, pois é grande o caminho que te resta’. Levantou-se, comeu e bebeu e, depois, sustentado por aquela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites até a montanha de Deus, o Horeb” (1Rs 19, 5-8).

É a história do homem. O seu destino é caminhar. A fidelidade à sua missão é exigente. Se quer ser coerente vai encontrar inimigos e perigos. Pode fugir dos outros, mas não de si mesmo, do seu cansaço, do seu desânimo. Pode chegar até o extremo de pedir a morte. Mas Deus se serve de “anjos” para animá-lo e confortá-lo e lhe dá um pão misterioso, capaz de sustentá-lo quarenta dias e quarenta noites, no meio do deserto, até chegar à montanha de Deus. E lá, bem levantado da terra, na solidão de uma gruta, ele pode fazer, no seu íntimo, a experiência de Deus, que não se manifesta no furacão, no terremoto, no fogo, e sim no “murmúrio de uma brisa suave” (1Rs 19, 12).

### ***3. O caminho do povo eleito***

Escravo no Egito, o povo de Deus, passa a sua última noite na terra de

opressão celebrando a Páscoa, a Passagem, o dia da graça, da misericórdia, da libertação. “Os filhos de Israel partiram de Ramsés em direção a Sucot, cerca de seiscentos mil homens a pé, somente os homens sem contar suas famílias” (Êx 12,37). Deus não escolhe o caminho mais curto e sim o caminho mais longo, no meio do deserto. Os hebreus estão mudando geograficamente, mas é difícil para eles mudar de cabeça. Deus irá ajudar este povo de cabeça dura a fazer a mudança mais importante. Escravos, eles também, sentiam o fascínio, do poder, da força, da riqueza. Deus mandará quebrar este “bezerro de ouro”. Durante o longo caminho, eles brigam, murmuram, se rebelam. É difícil converter um povo de escravos num povo livre, responsável, protagonista do seu destino. Eles querem tudo de Deus, não querem assumir e culpam Deus e Moisés por todas as dificuldades. Mal chegados na terra prometida se dão conta de que não existe um lugar geográfico em que de verdade “corre leite e mel”. A terra prometida não existe em lugar nenhum, só existe dentro do homem novo, que mudou cabeça e coração ao longo do caminho e agora é colocado frente a escolhas definitivas. Josué se dá conta disso e interpela o povo de Israel a respeito: “Agora, pois, temei a Javé e servi-o com sinceridade e integridade; lançai fora os deuses... do Egito... e os deuses dos Amorreus... Quanto a mim e à minha casa, serviremos a Javé”. Então o povo respondeu: ‘Longe de nós abandonarmos Javé para servirmos a outros deuses... Portanto, nós também serviremos a Javé, pois ele é nosso Deus’ (Js 24,12-18). As tomadas de posição de Josué e do povo não

nascem de repente, e sim são fruto de uma longa caminhada, de escolhas continuadas, sempre mais profundas. Deus, o infinitamente distante, vai se aproximando sempre mais, até formar uma coisa só com aquele que o procura de coração.

#### 4. O caminho de Jesus

Lucas resume o último período da vida de Jesus numa longa e dolorosa caminhada: “Quando se completaram os dias de sua assunção, ELE tomou **resolutamente** o caminho de Jerusalém” (o lugar da sua oferta definitiva) (Lc 9,51). Ele manda mensageiros à sua frente, mas os Samaritanos “não o receberam, pois caminhava para Jerusalém”. Tiago e João, irados, querem o castigo do fogo, mas Jesus os repreende e retoma o caminho. São momentos de grande tristeza, mas também de profunda intimidade. Jesus desvela o seu coração. Diz qual é o verdadeiro motivo da felicidade: “Alegrai-vos, porque vossos nomes estão escritos no céu” (Lc 10,20). “Exulta de alegria sob a ação do Espírito Santo” pois o Pai tem se revelado aos “pequeninos” (Lc 10,21). Fala do grande mandamento do amor e apresenta o bom samaritano como modelo (Lc 10, 25-37), ensina a orar (Lc 11,1-14) e se apresenta como a palavra última e definitiva da nossa vida: “Quem não está a meu favor está contra mim, e quem não ajunta comigo dispersa” (Lc 11,23). Admoesta sobre o verdadeiro sentido da vida: “Vendei vossos bens e dai esmola. Fazei bolsas que não fiquem velhas, um tesouro inesgotável no céu, onde o ladrão não chega nem a traça rói. Pois onde está o vosso tesouro, aí também

está o vosso coração” (Lc 12,33-34). Ele se torna sinal de contradição (Lc 12,51-53). Sabe que Herodes quer matá-lo, mas ele destemidamente continua a sua missão (Lc 13,31-33) Defende a liberdade do homem frente ao sábado (Lc 14,1-6), critica os fariseus pela procura dos primeiros lugares (Lc 14,7-11), se coloca como a pessoa decisiva da nossa vida (Lc 14,25-33), mostra a inutilidade de uma vida in-sossa (Lc 14,34-35) e com uma carga emocional infinita mostra o grande amor do Pai pelo filho e a dureza de coração do irmão pelo próprio irmão (Lc 15,1-32). De novo se coloca do lado do pobre Lázaro contra o rico sem coração (Lc 16,19-31), alerta sobre o perigo das riquezas (Lc 18,18-27) e diz que o Reino é o verdadeiro tesouro do homem (Lc 18,28-30). Enfim aproveitada para olhar Zaquê escondido atrás de uma árvore e para entrar na casa dele revolucionando vida e modo de ver e de pensar (Lc 19,1-10). Durante esta longa caminhada rumo a Jerusalém por bem três vezes Jesus carregado de tristeza, anuncia a sua próxima paixão e morte. (Lc 9,22; 9,43-45; 18,31-33). Previsão que se torna, porém, um desejo ardente: “Eu vim trazer o fogo à terra, e como desejaria que já estivesse aceso!. Devo receber um batismo, e como me angustio até que esteja consumado!” (Lc 12,49-50). “E dizendo tais coisas, Jesus caminhava **à frente** subindo para Jerusalém” (Lc 19,28). Lá o espera o momento mais triste e exaltante da sua vida terrena. Abraça a cruz e se encaminha pelo trecho mais duro do seu caminho. Em cima do Calvário nos dispensa o seu perdão, nos assegura que também para

ladrão há salvação e remete tudo nas mãos do Pai.

Este é Cristo. Este é o seu caminho. Caminho de escolha suprema, de sofrimento e de salvação. “Se o grão de trigo que cai na terra não morrer permanecerá só; mas se morrer produzirá muito fruto” (Jo 12,24). “Minha alma está agora conturbada. Que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas foi precisamente para esta hora que eu vim” (Jo 12,27). E o Pai amou tanto este Filho doado que o ressuscitou.

Enfim Jesus concebe a sua vida como um caminho de sofrimento, de doação, de busca da vontade do Pai. No mesmo tempo ele sente que esta vida não lhe pertence e a dedica completamente a curar enfermos, a consolar pobres, a dizer a todos as coisas essenciais do Reino. Deveras é um caminho que valeria a pena percorrer!

### *5. A caminho de Emaús*

Um outro grande caminho Jesus fez, atrás de discípulos, desanimados e tristes, que voltavam, decepcionados, para casa (Lc 24,13-35). Era grande demais o fracasso da cruz. Três dias tinham passado. Umhas mulheres diziam ter visto Jesus. Mas só podiam ser fofocas de mulheres. Os dois voltam, então, frustrados para casa. Aí Jesus se torna peregrino, pegada sobre pegada, atrás dos dois. Por que estão tão tristes? Por que não acreditam nas Escrituras? E Jesus explica, com paciência, com carinho. Os dois ficam encantados. O coração se esquenta, convidam o desconhecido, que se torna, então, conhecido, repartindo o pão. Sim é ele, é Jesus.

É um caminho de amor, atrás de ir-

mãos entristecidos pela dureza e as dificuldades da vida. Palavra de Deus e partilha do pão, oferecidas no amor, são o unguento que sara tantas feridas e acende esperanças no coração.

### *6. O caminho de Damasco*

Havia um homem, de nome Saulo, a caminho de Damasco. Caminho de ódio e de maldade. A este nome os cristãos tremiam. Fanático judeu tinha assistido ao apedrejamento de Estêvão, e agora queria acabar com essa “seita”, “respirando ameaças e morticínios contra os discípulos do Senhor” (At 9,1). Mas no caminho uma luz e uma voz: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”. “Quem és tu, Senhor?” “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”. Aqui o caçador é caçado. Alguém está à espreita e espera por ele: “este homem é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, dos reis e dos filhos de Israel. Eu mesmo lhe mostrarei quanto lhe será preciso sofrer por causa do meu nome” (At 9,15-16).

Saulo ia numa direção, alguém lhe mudou o caminho. Foi uma inversão total, uma conversão profunda, uma inversão a U. Quando Deus te pega o teu caminho de torto se torna reto, de escorregadio se torna salvífico. Mas não sem uma reviravolta de todo o teu ser. Paulo se tornou cego, interiormente desestruturado, à procura de luz. Mas ele acreditou e começou a enxergar de maneira nova e muito mais profunda, começava a ver com os próprios olhos de Jesus. Repetidamente Paulo dirá que ele foi como um símbolo do amor misericordioso de Deus. Se ele, quase um aborto, indigno de ser chamado após-

tolo, recebeu tamanha graça, ninguém tem motivo para desesperar. Onde abundou o pecado lá superabundou a graça (Rm 5,20). Nenhum caminho é um caminho fechado, sem esperança. Deus está lá no meio de cada caminho, para nos levantar com a sua luz e a sua voz. Depende dele, mas também de nós querer mudar o nosso caminho e fazer que ele se torne caminho de salvação.

### **7. O caminho do religioso hoje**

O religioso também se encontra a caminho; caminho duro, difícil, mas também repleto de uma felicidade profunda. Nele se realiza tudo o que nós vimos nos precedentes caminhos. No meio de uma sociedade que cultua o eu e o consumismo, descompromissada e egoísta, o religioso é chamado a ser o profeta, aquele que aponta a utopia e acredita perdidamente no Reino e nos seus valores.

Como Abraão, o religioso confia cegamente e parte sem saber para onde vai, sendo Deus o único ponto norteador da sua vida.

Como Elias, o religioso percorre as estradas do mundo, muitas vezes recusado e perseguido, mas feito forte com o "pão" e a experiência suave de Deus.

Como o povo eleito, o religioso vai continuamente se convertendo, deixando de lado os infinitos ídolos que prendem o coração.

Como Jesus, o religioso oferece a sua vida em resgate das multidões e anda destemidamente no lugar da morte-resurreição, apaixonado pelo Pai e pelos irmãos.

Como os discípulos de Emaús, o religioso, quando perdido e desanimado, se nutre da Palavra e do Pão e volta de novo para Jerusalém para animar os irmãos e recolocar a sua vida à disposição do Pai.

Como Paulo, o religioso se sente aborto e pecador, mas infinitamente amado e transformado em apóstolo de todos. Apaixonado por Cristo ele se sente como que unificado a ele: "Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, mas é Cristo, que vive em mim" (Gl 2,20). E como Cristo, o religioso se torna vida e esperança para as multidões.

Mas tudo depende de o religioso querer correr esta magnífica aventura!

---

*Nicola Masi*

*Endereço do autor:*

*Cx. Postal 10*

*68440-000 Abaetetuba - PA*

*Tel (091) 3751-1088*

*Fax (091) 3751-1883*

*E Mail: nicmasi@ligbr.com.br*

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1 O que é que a palavra "caminho" sugere a você, em termos de experiência espiritual?
- 2 Com qual dos vários caminhos paradigmáticos bíblicos você se identifica mais?
- 3 Que sentido têm para o mundo de hoje esses caminhos?

#### Sumário

Firma-se no contexto histórico mundial o movimento anti-globalização financeira e contra o pensamento hegemônico. A realização do 2º Fórum Social Mundial em Porto Alegre, RS, entre 31 de janeiro e 5 de fevereiro de 2002 torna-se um marco referencial desse amplo e variado processo, cada vez mais propositivo de uma nova ordem mundial possível e alternativa.

Neste contexto destoa a significativa mudança geopolítica dos Estados Unidos ao ampliar sua política belicosa, sob pretexto de priorizar a segurança e combater o terrorismo. Em virtude dessa nova estratégia globalizam-se a violência e o medo, conseqüências de um visível retrocesso nas conquistas dos direitos humanos que são feridos por ameaças de controle da informação, supressão das liberdades individuais e justificação das torturas.

A falência fraudulenta da empresa Enron nos Estados Unidos, levando o desespero a milhares de pequenos investidores, mostra o grau de sofisticação da corrupção embutida nos sistemas que comandam o processo mundial da globalização financeira, especialmente o conhecido “Consenso de Washington”. É lamentável que a maioria dos analistas neoliberais detecte, neste caso, *“apenas a corrupção como grande mal a ser combatido e não critique os mecanismos de alavancagem utilizados pelas grandes corporações no mercado financeiro desregulado”*.

A falência da Argentina é também a falência da aposta dos organismos internacionais de ajuda financeira. Propõem modelos cada vez mais insustentáveis e socialmente desastrosos. Para entender a crise Argentina é preciso entender a sua elite e os seus políticos que venderam o país e suas estruturas

<sup>1</sup> Boletim de Análise de Conjuntura – sob os auspícios da Comissão Brasileira de Justiça e Paz – CBJP: SE/Sul, Quadra 801, Conjunto “B”, 70401-900-Brasília DF, fone (61) 323-8713; fax (61) 322-2648; e-mail: cbjp@cbjp.org.br. Comitê de Redação: Pe. Alberto Antoniazzi (Pontifícia Universidade Católica – PUC – Minas), Pe. Alfredo José Gonçalves (Pastoral Social – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB), Pe. Antônio Abreu (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento – IBRADES), Pe. Bernard Lestienne (IBRADES), Francisco Whitaker Ferreira (CBJP), Gerson Gomes (CBJP), Guilherme da Costa Delgado (CBJP), Ivônio Barros (INTELECTO) Pe. José Ernane Pinheiro –Assessoria Política – (CNBB), Pe. Manoel José de Godoy (MILÊNIO – CNBB), Maria José Jaime (INESC), Marcos Lins (CBJP), Pedro Ribeiro de Oliveira (CEBS – CNBB), Irmã Rosita Milesi (Instituto Migrações e Direitos Humanos – IMDH), Pe. Thierry Linard de Guertechin (IBRADES), Pe. Virgílio Leite Uchôa (CBJP) Revisão: José Sílvio de Lana Marques – Publicação e divulgação: Conselho Nacional dos Leigos – CNL -, Rua 93, nº 139, 74083-120 – Goiânia, Go, fone/fax: (62) 223 8594/ 223 1854, leigos@vento.com.br e Instituto de Estudos Sócio-Econômicos – SCS – Qd. 08 – Bl. 50 – Salas 431/441 – Vênâncio 2000 – CEP 70333-970 – Brasília-DF – Brasil. Fone: (61) 226-8093 – Fax: (61) 226-8042 e-mail: inesc@tba.com.br – Site: www.inesc.org.br.

<sup>2</sup> Abrange também os meses de dezembro 2001, janeiro e fevereiro de 2002.

de produção. Resta hoje um grande sacrifício social de conseqüências imprevisíveis não só para aquele país, mas para toda a América Latina que segue o mesmo modelo. O modelo neoliberal aprofunda a sociedade dual<sup>3</sup>, caracterizada pelo fosso cada vez maior entre ricos e pobres e pelo desinteresse de suas elites e de seus políticos pela efetiva mudança desse quadro. Como mudar, se são eles os principais beneficiários dos atuais desequilíbrios e são destes também os principais responsáveis? *“A Argentina está a arder, a Colômbia está a arder, a Venezuela vai arder. De quantos mais sinais precisamos para concluir que isto é conosco?”*<sup>4</sup>

Esquenta em plano nacional a disputa pelo poder presidencial. Os candidatos governistas apresentam-se como favoráveis ao modelo de economia vigente.

As oposições também estão sem rumo no que diz respeito a uma clara definição de ruptura e não aceitação de um modelo que necessariamente aprofunda as desigualdades. A costura de alianças capazes de levar as oposições ao poder pode acabar tecendo uma armadilha para elas mesmas.

Conquistar o poder mediante a realização de alianças que irão dar continuidade ao que aí está é simplesmente capitular e não perceber os sinais de um novo poder possível e necessário,

aquele que se alie, de fato, com os excluídos e a maioria pobre da população brasileira. Trata-se de trabalhar o poder político da população à margem e empobrecida para reconstruir a nação privatizada, saqueada e desfigurada pela violência crescente, pela insegurança, pelas epidemias, pelo descaso do bem comum e pela corrupção.

Fatos novos mexem com as expectativas em torno dos pré-candidatos à presidência da República: o virtual lançamento da candidatura Serra (PSDB), o escândalo envolvendo a família Roseana (PFL) e a chamada “verticalização” das alianças, ou seja, o atrelamento dos níveis nacionais e regionais das composições partidárias. Tudo tem uma aparência de mera coincidência. Os analistas vêem nisto um reforço ao casuísmo para perpetuar as políticas dos que detêm o poder há oito anos; e o rompimento das alianças (PSDB e PFL) parece ser o começo de lutas das elites conservadoras pelo controle dos rumos do país.

### *Lições de Porto Alegre*<sup>5</sup>

No programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo, gravado após o Fórum Social Mundial de 2002, perguntaram a Boaventura de Souza Santos se o Partido dos Trabalhadores teria instrumentalizado o Fórum. O sociólogo português, que tinha sido figura de relevo naquele evento, respondeu

<sup>3</sup> “A sociedade da América Latina é dual, como bem observaram anteriormente Cardoso (pena que esse pediu que esquecessem o que ele escreveu! – O comentário é nosso) e Faletto com a sua teoria sobre a dependência, mas, hoje em dia, ela está prestes a evoluir na direção de uma sociedade do apartheid, cuja linha de separação já não é entre brancos e negros, mas entre ricos e pobres, entre aqueles que fazem parte da globalização e aqueles que ela exclui...” cf. Boletim DIAL, nº D 2532, 15-28 de fevereiro de 2002, pág.11.

<sup>4</sup> Boaventura de Souza Santos. “As lições do Penúltimo Tango”. Folha de São Paulo, 6/2/02, pág. A 3.

<sup>5</sup> Texto elaborado por Francisco Whitaker, Secretário Executivo da Comissão Brasileira Justiça e Paz, da CNBB, e membro do Comitê de Organização do Fórum Social Mundial.

dizendo que o PT é muito pequeno para isso. Tarso Genro, prefeito de Porto Alegre, em entrevista dada na mesma ocasião ao jornal Folha de São Paulo, afirmou que todos os partidos de esquerda do mundo, unidos, não conseguiriam convocar e realizar algo como o Fórum Social Mundial.

Ainda que o consideremos somente em termos de números, o Fórum foi um indiscutível sucesso. As afirmações de Boaventura e Tarso partem dessa constatação, mas também apontam para as razões desse êxito.

Do primeiro para o segundo evento os números saltaram. Quanto aos participantes, por exemplo, dos 20.000 de 2001 passou-se a 50.000 em 2002, entre os quais 35.000 “ouvintes”, estes últimos vindos de Porto Alegre, de muitas partes do Brasil, de países vizinhos – que para lá acorreram enfrentando às vezes longas viagens de ônibus – para ver e ouvir de perto pessoas que admiram e viver o clima energizante desse grande encontro mundial.

Mas esse sucesso é mais significativo se considerarmos o aumento do número de delegados, isto é, pessoas inscritas no Fórum como representantes de entidades e movimentos da sociedade civil: dos 4.000 de 2001 passou-se a 15.000 em 2002, representando 4.909 organizações de 131 países. Na verdade, o que de fato atraiu tantos delegados foram as novidades de que o Fórum era portador: seu caráter plural e não diretivo, que unifica respeitando a diversidade; sua abertura a todos que quisessem dele participar – excetuando-se representantes de governos, partidos enquanto tais e organiza-

ções armadas; e o fato de ser uma iniciativa da sociedade civil para a sociedade civil, que criou um novo espaço de encontro – o primeiro e talvez o único desse tipo em nível mundial – sem o controle de governos, movimentos, partidos e outras instituições nacionais ou internacionais que disputam poder político.

De fato, para esses delegados o Fórum era realmente o que seus organizadores pretendiam que fosse: um espaço horizontal em que se podia, livremente, dar visibilidade a propostas e lutas, sem que nenhuma fosse considerada mais importante que a outra e sem que ninguém pudesse impor suas idéias ou seu ritmo aos demais, uma oportunidade para intercambiar experiências, aprender e realimentar-se pelo conhecimento de outras lutas, esperanças e propostas, aprofundar análises sobre as questões que se levantam em seus campos de ação, articular-se nacionalmente e, sobretudo, planetariamente. Ou seja, ganhar mais eficiência e avançar no trabalho de transformação social.

Sem que isso signifique descompromisso ou fuga de responsabilidades, seguramente não haveria tanta disposição por parte dos participantes desse evento se eles lá estivessem para receber diretivas e palavras de ordem, para serem “patrulhados” em suas opções e terem que se engajar disciplinadamente em ações e mobilizações, aprovar declarações, moções, tomadas coletivas de posição. Por isso mesmo os organizadores do Fórum inscreveram em sua Carta de Princípios que ele não se pronuncia enquanto Fórum, ninguém pode falar em seu nome, em ne-

nhum de seus encontros se gastará tempo para discutir e aprovar “documentos finais”.

Essa Carta estabelece, explicitamente, que o Fórum Social Mundial de Porto Alegre não tem caráter deliberativo. Isto é também o que acontece com o Fórum Econômico Mundial, de Davos, ao qual o Fórum de Porto Alegre se propõe como alternativa (é para realçar esse caráter que os conclaves se realizam exatamente nos mesmos dias). Os trabalhos do Fórum são, para seus participantes, um momento mais forte e intenso de aprofundamento de suas opções e articulações, em nível mundial, realimentando uma ação que já vinha sendo desenvolvida antes do evento e que prosseguirá reforçada depois dele.

É evidente que, por detrás dessa semelhança, existe uma enorme diferença entre os dois fóruns: os participantes de Davos trabalham por manter e aumentar a dominação do capital<sup>6</sup> – do qual eles são os controladores – sobre os seres humanos em todo o mundo, bem como a expansão de seus negócios privados. Os de Porto Alegre – alimentando-se dos crescentes protestos que surgem em toda parte contra uma globalização ditada pelos interesses desse capital – querem avançar em propostas para a construção de um outro mundo, centrado no ser humano e respeitoso da natureza, que eles consideram não somente possível como neces-

sário e urgente, e que, na verdade, já estão construindo em sua ação prática.

Essa diferença de objetivos e conteúdos determina também uma diferença de métodos: a principal atividade desenvolvida em Davos é a de conferências, palestras e debates sobre temas previamente definidos, para as quais seus organizadores convidam os grandes expoentes intelectuais do “pensamento único” neoliberal, os dirigentes políticos das nações mais poderosas e os donos ou executivos das grandes multinacionais. No Fórum de Porto Alegre há também um grande espaço aberto para conferências, palestras e debates, assim como para testemunhos de pessoas com experiências ou reflexões marcantes. Para isso, como em Davos, são convidadas pessoas que vêm refletindo ou agindo em torno dos temas escolhidos – sendo que no Fórum de Porto Alegre de 2002 as conferências foram confiadas não mais a pessoas isoladas, mas a grandes redes mundiais. Mas a atividade mais rica do Fórum Social Mundial é a que se dá em torno das oficinas e seminários propostos livremente pelos seus próprios participantes e por eles organizados: 400 em 2001 e 750 em 2002. Na verdade é o burburinho alegre que se forma em torno dessas oficinas e seminários que cria o ambiente entusiasmado em que o Fórum Social Mundial se desenvolve, com cores e barulhos variados, protestos bem-humorados e di-

<sup>6</sup> Apesar de seu caráter elitista, o Fórum de Davos (Nova Iorque) mostrou neste ano de 2002 uma certa inquietação com os problemas do mundo como um todo, especialmente quanto aos rumos da política dos Estados Unidos. “O próprio Fórum de Nova Iorque mostrou, não a rejeição ao sistema atual, mas uma inquietude quanto a suas consequências prováveis e uma vontade de conscientizar os dirigentes americanos dos problemas que afligem o mundo como um todo.” Cf. Alain Touraine, “O Eixo da Inquietude”, Folha de São Paulo, 10/3/02, cad. Mais!, tradução de Clara Allain, pág. 3.

vulgarção de ações e propostas, assim como performances e acontecimentos inesperados, nas salas, corredores e jardins do espaço em que se realiza – totalmente ao contrário do que acontece no cinza bem comportado de Davos.

Estas opções organizativas do Fórum Social Mundial evidentemente não se concretizam sem incompreensões, tensões, desvios, e mesmo tentativas de recuperação do Fórum como um todo imperativo. Sua magnitude acende apetites e seu caráter não piramidal incomoda a quem tem pressa de ver as coisas mudarem e foi formado dentro dos paradigmas tradicionais da ação política.

Grande parte dos jornalistas, por exemplo – e isto se reflete na cobertura dada ao Fórum – acostumados a entrevistar líderes e gurus, ou a realçar lutas pelo poder, não conseguem entender porque não há um “documento final”, ou “propostas concretas”. Não pedem o mesmo a Davos, mas querem que a alternativa a Davos as apresente. Têm dificuldade em compreender que o Fórum Social Mundial não é uma cúpula, mas uma das bases de um movimento social que, para se desenvolver, não pode ter chefes nem donos. “Sínteses finais” de cinco dias de trabalho, com 15.000 ou 50.000 pessoas, além de serem necessariamente empobrecidas, só poderiam ser por elas aprovadas através de algum tipo de manipulação. E todos saem seguramente mais felizes do que se tivessem tido que lutar para incluir ao menos

uma linha de suas propostas no documento final.

Na verdade surgem no Fórum centenas de propostas concretas, inclusive de mobilizações específicas, como neste ano contra a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Ou novas reflexões, como a que neste ano emergiu sobre a mudança interior dos que lutam pela transformação do mundo. Tratado em muitas oficinas e seminários, esse tema foi objeto de uma conferência que atraiu mais de 2.000 pessoas. Mas nenhuma dessas propostas e reflexões é do Fórum enquanto tal são de responsabilidade de quem as assumiu. E a elas se associarão todos aqueles que optarem por isso, como sujeitos de suas decisões.

Naturalmente também surgem tensões até entre os que organizam o Fórum, ou deles se aproximam para ajudar. Há por exemplo os que gostariam de ver o Conselho Consultivo Internacional do Fórum se transformar em um novo comando mundial da luta contra o neoliberalismo, controlando e direcionando esse processo. As perspectivas de continuidade assumidas pelos organizadores parecem apontar para outro sentido, com a consolidação do método orientado pela Carta de Princípios do Fórum. Firma-se o conceito de que o Fórum é um processo<sup>7</sup>, e não um evento e nem uma nova organização internacional dirigida pelos líderes de um “pensamento único” substitutivo, o que lhe seria fatal. É pre-

<sup>7</sup> “O mundo respira no Fórum Social Mundial de Porto Alegre. A globalização do respeito aos direitos humanos, da esperança, do direito à igualdade e das lutas pela afirmação das diferenças é a nova essência do internacionalismo humanista.” Cf. Tarso Genro, “O Mundo Respira no Fórum Social Mundial”. Folha de São Paulo, 4/2/02, pág. A-3.

ciso também cuidar, por exemplo, para que as conferências não terminem com “sínteses orientadoras”, votadas pelo respectivo “plenário”, ou para que não prevaleçam sobre as oficinas. Ao mesmo tempo, as decisões tomadas até agora pelos organizadores apontam para que o poder convocatório do Fórum produza em mais países do mundo a mesma mobilização que ocorre no Brasil. O Fórum de 2003 começará com provavelmente uma dezena de fóruns regionais ou temáticos nas diferentes áreas geopolíticas do mundo, de setembro a dezembro de 2002, até chegar a um novo Fórum centralizado outra vez em Porto Alegre. O mesmo processo recomeçaria em setembro de 2003, podendo desembocar, em 2004, em um encontro mundial na Índia.

Na verdade, o grande desafio para os organizadores do Fórum Social Mundial não é o de definir novos e melhores conteúdos que levem a propostas cada vez mais concretas, mas sim o de assegurar a continuidade da forma dada ao conclave – um caso em que o meio é determinante para os fins a alcançar. Os conteúdos surgirão naturalmente do processo assim lançado, dentro da própria luta da humanidade por uma outra realidade, e serão necessariamente canalizados para as várias edições do Fórum, com questões comuns a todos os países do mundo e com as especificidades de cada região em que o evento se realizar. O que importa é garantir que esse novo paradigma de ação política transformadora, criada pelo Fórum Social Mundial, não seja engolido para dentro de “odres velhos”.

### *A Conspiração do Silêncio*

A força moral do Fórum Social Mundial firma-se na medida em que a ausência de um poder moral mundial mais significativo e interpretativo das atuais carências humanas leva-nos aos riscos de grandes desgraças, algumas das quais já estamos assistindo, como a guerra intolerante entre israelitas e palestinos, as ameaças de desestabilizações políticas, por diferentes motivos, a países como a Colômbia e a Venezuela, tudo isso fruto da excessiva ênfase dadas às questões de segurança e combate ao terrorismo.

Até quando durará o silêncio que se ampliara em escala mundial, criando a atual lacuna de lideranças éticas e morais?

Tem-se a impressão de que até as religiões se calam neste momento. Continuaríamos à míngua caso não tivesse acontecido a fugaz iniciativa do Papa João Paulo II em convocar líderes mundiais para um evento de oração comum em Assis no final de janeiro de 2002. Mesmo este evento, rico em simbologia (a viagem de todos no mesmo trem para estarem juntos no mesmo local), perdeu-se no próprio do anacronismo burocrático de sua condução, que poderia ter ultrapassado os limites dos espaços culturais da instituição católica para voltar-se aos anseios mais profundos de uma humanidade sofrida e carente de grandes gestos de ruptura com a exploração e necessitada de despojamento e compaixão.

### *A Argentina continua à deriva*

No primeiro momento de seu mandato, o presidente Duhalde parecia ter conseguido recuperar a credibilidade

da classe política argentina. Propunha resgatar a honra nacional a qualquer preço. Dava a entender que, aliada a esta honra, estava a questão dos pobres e excluídos, a grande vítima da alucinação entreguista dos anos neoliberais. A classe média aliou-se a estes pobres em consequência a tudo que acontecera com a dilapidação do país. Parecia reviver a melhor fase do justicialismo dos anos 40. O fato de ouvir os apelos da Igreja Católica e de se escudar em organismos como a Cáritas e o Plano de Desenvolvimento Humano da Organização das Nações Unidas (PNDU) sinalizava uma prioridade a ser dada ao social e não ao econômico para a solução da crise.

Tudo isso, somado ao eventual apoio popular, parecia configurar o rumo a seguir: defender a nação contra as incursões da hegemonia norte-americana (seria essa a legítima matriz justicialista), o que, no atual contexto histórico da globalização financeira, significa abandonar rapidamente o modelo neoliberal proposto pelo Fundo Monetário Internacional (FMI)<sup>8</sup>, este já bastante reticente no que diz respeito a eventuais novas ajudas.

Permanece uma incógnita na crise argentina: como irão se comportar as suas elites financeiras e as forças armadas. Salta aos olhos como as instituições internacionais se omitem diante da situação. Parecem muito remotas as possibilidades de rupturas com o sis-

tema financeiro mundial do qual dependem também estas instituições. Há também de fato pouquíssima sensibilidade ética para um novo modelo de desenvolvimento orientado na direção de ganhos de qualidade para as necessidades básicas do ser humano. O caso argentino mostra com muita evidência como é insustentável perpetuar a sangria das riquezas nacionais via processo de privatização e concentração das empresas nas mãos dos grandes conglomerados internacionais que estão se formando.

Aliás, o caso argentino demonstra *“a dramática falência do Estado, que assegura ao país atenção global, assinala talvez uma nova configuração nas crises financeiras, que desde os anos 80 acontecem numa seqüência com intervalos cada vez mais curtos”*<sup>9</sup>. É inacreditável que muitos queiram apresentar o problema apenas como sendo uma crise localizada. A crise argentina faz parte do risco geral da perigosa insolvência mundial pois *“o cerne do problema consiste desde o início dos anos 80 no fato de que, no processo da terceira revolução industrial, a economia real dos mercados financeiros sacados não podem ser mais cobertos”*.<sup>10</sup> Nesse sentido a crise argentina é apenas o prenúncio de uma crise maior de insolvência em nível mundial, provocada pelo artificialismo do capital financeiro globalizado. Este capital circula pelo mundo sem ter um lastro

<sup>8</sup> *“Depois de reconhecer sua responsabilidade na crise da Argentina, o Fundo Monetário Internacional (FMI) clinicamente advertiu o presidente Eduardo Duhalde que ‘não existe saída da crise sem sofrimento’. Quanto aos Estados Unidos, eles pediram a Buenos Aires de colaborar estreitamente com o FMI...”* Cf. Michel Husson, “Esta Mortal Fascinação do Dólar”, Le Monde Diplomatique, fevereiro de 2002, pág. 12.

<sup>9</sup> Robert Kurz, “Argentina como Modelo de País Perdedor”, Folha de São Paulo, Cad. Mais!, 17/2/02, pág. 24.

<sup>10</sup> Idem, cf. nota anterior.

real na economia. Na verdade aquele capital só existe como exigência dos credores, acrescido dos juros, e alimenta a ingênua idéia de que há muito dinheiro sobrando<sup>11</sup>.

O caso argentino revela que há um duplo movimento ameaçador de toda economia global, com profundas conseqüências no campo social. São as “dívidas impagáveis”, de um lado, e o “valor fictício das ações”, de outro, que criam um círculo vicioso. O crescimento contínuo desse círculo vicioso necessariamente terá um limite. Nada mais restará aos devedores, sufocados pelos juros e já sem condições de estabelecerem uma cadeia produtiva com o dinheiro tomado emprestado, do que caminhar céleres em direção à insolvência. Isto tem acontecido sistematicamente todos os anos, desde a primeira crise com os países asiáticos em 1977/1998. Foi também o caso do México, da Rússia, da Turquia e agora a Argentina. O caso argentino é mais grave, pois seguiu muito mais à risca o receituário neoliberal. O nível de endividamento chegou a um limite insustentável e sem condições de renegociação dentro desta lógica globalizada de insolvência.

É de conhecimento geral como os mercados especuladores têm encolhido, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Estreita-se a liquidez dos aplicadores pelo esvaziamento das “bo-

lhas” artificiais; da mesma forma a possibilidade de renegociar novas dívidas e as pendentes torna-se cada vez mais inviável<sup>12</sup>.

Em síntese, credores especuladores, contraídos pela recessão mundial, e devedores sempre mais insolventes estão atrelados a um sistema mundial cada vez mais inviável. Por isso não se pode isolar o caso da Argentina desta perspectiva global bem como de nenhum país emergente, todos envolvidos nesta trama. Argentina é hoje um paradigma de um desendividamento global que pode acontecer (não simplesmente uma moratória). Seria uma situação tal em que todos seriam iguais, caso continue a retração de investimentos reais, especialmente nos Estados Unidos. Numa situação como essa já não haveria nem credores nem devedores. Seria falência também dos aposentados, dos pequenos investidores e poupadores. Esta é a razão pela qual o pensamento hegemônico teme tanto em falar em anulação das dívidas atuais. Seria uma situação social nova e imprevisível e não há como administrá-la na lógica do atual sistema financeiro mundial. Pode-se imaginar também o endurecimento dos grandes credores, dispostos a receber à custa de grandes sacrifícios das pessoas dos países devedores. Não é isso que já vem acontecendo nos países que passaram por crises? Os emergentes asiáticos, o Mé-

<sup>11</sup> Idem, cf. nota anterior. O autor enfatiza que “o dinheiro só existe na forma de exigências dos credores diante de uma absoluta insolvência dos devedores. Ele se dissolve no ar do mesmo modo que aquele dinheiro que não passa de inchaço especulativo dos valores das ações, desaparecendo sem deixar pistas quando as bolsas se retraem ou sofrem um crash”.

<sup>12</sup> “As discrepâncias da crise financeira global começam, portanto, a se evidenciar: de um lado, cresce o endividamento global até a beira da falência ou para além desta (caso da Argentina); de outro, vai se dissolvendo pelo ar o capital monetário especulativo das bolsas do Ocidente” Cf. Robert Kurz, “Argentina como Modelo de País Perdedor”, Folha de São Paulo, Cad. Mais!, 17/2/02, pág. 25.

xico, o Brasil, a Rússia, a Turquia, todos que, para superar suas crises, aceitaram o receituário neoliberal pagaram um custo social altíssimo em termos de sacrifício das suas populações. Viram as riquezas nacionais se concentrar nas mãos de poucos. A única diferença da Argentina é o **grau de intensidade atual**, pois o modelo imposto<sup>13</sup> é o mesmo. É bom ficar atento a observações sábias, nesse sentido, de alguém com a experiência de Rubens Ricupero, secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). Ele enfatiza *“o que se deve nisso a causas comuns como a má qualidade da inserção econômica no mundo, a discriminação protecionista de que somos vítimas, o modelo perverso que adotamos. Ricupero também distingue “aquilo que, em câmbio, provém de nós mesmos, da compartilhada condição latino-americana de países que jamais souberam integrar seus milhões de humilhados e ofendidos a instituições que lhes garantissem um mínimo de bem-estar, justiça e participação”.*

### **Momento brasileiro**

O estado de espírito nacional vai aos poucos sendo capitaneado pelas eleições majoritárias do próximo mês de outubro. Há no ar uma série de outras questões que talvez interessem mais à população e estão cada vez mais dis-

tante das agendas dos políticos ávidos de poder: a assustadora escalada da violência, a audácia do crime organizado, a epidemia de dengue, o desemprego.

Apesar do quadro social e humano assustador, a população como um todo e particularmente a classe média aparentemente não se mobilizam nem se interessam pelas grandes causas em jogo. Os meios de comunicação de massa especializam-se em difundir a cultura do banal, avassalando a intimidade das pessoas sem maior preocupação em desvencilhar a trama social e política da nação como um todo. O projeto de nação segue sendo ditado pela falsa crença de que a estabilidade financeira só pode ser assegurada com formidável transferência de riqueza atrelada aos interesses do capital financeiro internacional, criando a concentração financeira especialmente nos grandes bancos.

Apesar de grandes crises no setor produtivo, os lucros cresceram e não param de crescer. Todos os grandes bancos em operação no país tiveram lucros<sup>14</sup> reais progressivos, apesar de cada vez menos contribuírem com os impostos sobre a renda. Segundo informações<sup>15</sup>, enquanto o imposto sobre os salários cresceu 54% o imposto de bancos apenas subiu 12%. Não é de se estranhar a indignação de cidadãos<sup>16</sup> que se perguntam se *“... é sau-*

<sup>13</sup> Cf. Rubens Ricupero, “Lição de Humildade”. Folha de São Paulo, 6/1/02, pág. B-2.

<sup>14</sup> Sandra Balbi, Balanço – Instituição têm resultado 21% superior ao de 2000, Operações de Crédito fazem Real obter lucro Recorde de R\$ 784,3 milhões, Folha de São Paulo, 9/3/02, pg B 1. Segundo informações o Banco Itaú teve uma rentabilidade de US\$ 1 bilhão, 31,5 % acima do exercício anterior. “Juros e Tarifas Fazem BB ter lucro de R\$ 1,08 bi em 2001”, Folha de São Paulo, 27/2/02, pg B-3.

<sup>15</sup> Sílvia Magnato, “Imposto sobre o Salário sobe 54%; de bancos, 12%”, Folha de São Paulo, 9/3/02, pg B1”.

<sup>16</sup> Luigi Petti (São Paulo) “Bancos”, Folha de São Paulo, Paineis do Leitor, 9/3/02, pg A 3.

*dável para o Brasil ter uma empresa cujo lucro chega a 0,2% de PIB do país... enquanto a maioria dos segmentos econômicos enfrenta sérias dificuldades, o setor financeiro apresenta rentabilidade digna do Cartel de Medellín...” e se não “... está havendo uma transferência dos lucros dos demais setores econômicos para o setor financeiro”.*

O Governo, aliado ao pensamento hegemônico dos principais formadores de opinião, tem tido uma incrível capacidade de tirar dividendos políticos das crises e dos insucessos por ele mesmo gerados. Veja-se como exemplo a recente crise energética, superada nos seus efeitos em grande parte pelo espírito cívico da população e pela sorte sazonal dos reservatórios cheios. Contudo, passam para o segundo plano as causas mais profundas do problema: a falta de investimentos públicos no setor e o atabalhado processo de privatização da matriz energética. O ganho político mascara a solução a médio e longo prazo que seria uma discussão ampla e democrática sobre a política energética. Mas parece que o mesmo governo continua apenas preocupado em ressarcir os prejuízos, que ele mesmo criou, das operadoras de energia e não em solucionar a questão.

Enquanto isso o campo político está surpreso com o rumo que pode tomar

a campanha presidencial. Os recentes episódios envolvendo a decisão de verticalização das alianças, por mais atraente que possa ser na sua formalidade no sentido de se querer enquadrar a fidelidade de programas e partidos, tanto o fato quanto as reações, a favor e contra, revelam a fragilidade da consciência política. Pensa-se em conquistar o poder a qualquer preço sem se importar com o significado do espaço político como oportunidade de se construir um tipo de participação onde efetivamente o povo seja o principal protagonista. Fica a impressão de que, com a verticalização das alianças ou aquelas esporádicas e casuísticas, ferem-se os princípios mais elementares do controle social a ser exercido pelo cidadão e a possibilidade real de se construir um poder alternativo, efetivamente voltado para as reais necessidades da população.

Corre-se o risco, além do mais, de se perpetuarem as decisões políticas que têm mantido o país sob a tutela das exigências da especulação financeira internacional. O país requer hoje uma substancial mudança<sup>17</sup> de rumos no tocante ao trato da coisa pública, especialmente no que diz respeito a uma política que privilegie o social, iniciando-se um processo de erradicação da pobreza e da fome, restaurando-se a credibilidade das instituições políticas pelo combate à corrupção, instauran-

<sup>17</sup> A Igreja Católica, de olho nas eleições de 2002 e atenta à importância de profundas mudanças no cenário da vida nacional, mediante proposta do Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), reunido entre 27 e 30 de novembro de 2001, deu destaque aos seguintes desafios: erradicação da fome, respeito aos direitos humanos de todos e a criação de um desenvolvimento sustentável. Cf. “Eleições 2002 – Propostas para Reflexão”, Documentos da CNBB, nº 67, pág. 15-18, Edições Paulinas, 2ªa 2002. Há uma versão didática e simplificada do mesmo documento, publicado sob os auspícios da Comissão Brasileira de Justiça e Paz (CBJP) e do Centro de Pastoral Popular (CPP), fone 0800-612226, sob o título “Eleições 2002 – Valorize o seu Voto”.

do-se novos princípios éticos e abrindo-se espaços de vida e trabalho digno para todos, particularmente os mais excluídos.

Até a oposição, no afã de conquistar a oportunidade de ter o poder, caso insista em alianças que desfigurem sua trajetória histórica de compromisso com a participação popular, perderá em credibilidade e atrasará a possibilidade de emergirem novas e ativas lideranças, bem mais lúcidas e próximas de um verdadeiro projeto de nação.

O êxito recente de algumas administrações onde têm sido fortes as iniciativas populares se deve ao esboço de um novo tipo de poder que floresce não apenas em torno de nomes. Aliás, é incrível como o momento político tem sido pródigo em mostrar a inconsistência de candidaturas infladas apenas pela habilidade do uso dos instrumentos de comunicação.

Os recentes episódios envolvendo a

pré-candidatura do Partido da Frente Liberal (PFL) mostram um processo político viciado e sem futuro, onde tudo é válido para a conquista do poder pelo poder. Este tipo de poder que há século se instalou no Brasil está hoje, antes de tudo, vinculado a interesses das elites que sempre preferem perpetuar privilégios e manter a população presente ao processo apenas pela sua manipulação virtual e inconsciência política. Como afirmam alguns analistas, “o episódio político-policial... é, parte a parte, apenas mais um ato entre gente que enxerga o Estado como uma propriedade privada, como um indutor dos seus assuntos e negócios pessoais”<sup>18</sup>.

Brasília, 18 de março de 2002

---

Virgílio Uchôa

Endereço do autor:

SCS - Qd. 08 Bl. 50 Sala 431-441

Venâncio 2000

CEP 7033-970 BRASÍLIA - DF

**QUESTÕES PARA  
AJUDAR A LEITURA  
INDIVIDUAL OU  
O DEBATE EM  
COMUNIDADE**

- 1 Das muitas lições do FSM II, quais lhe parecem mais oportunas e mais importantes no atual momento histórico?
- 2 Você acha que as grandes questões trabalhadas e debatidas no Fórum Social Mundial II encontraram eco na Vida Religiosa?
- 3 Que fazer para que religiosos e religiosas participem mais ativamente dos grandes eventos sociais que mobilizam hoje a sociedade?